

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC RAFAEL DA SILVA FONSECA

AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS ISRAELENSES NA 2ª GUERRA DO LÍBANO (2006):

Uma análise sob a perspectiva da doutrina militar brasileira

Rio de Janeiro

2023

CC RAFAEL DA SILVA FONSECA

AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS ISRAELENSES NA 2ª GUERRA DO LÍBANO (2006):

Uma análise sob a perspectiva da doutrina militar brasileira

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1-FN) JORGE LUÍS DE ARAUJO MELLO

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2023

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

**ASSINATURA PELO GOV.BR
(LOCAL DA CHANCELA)**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me conceder saúde para desfrutar da vida. À minha amada família, em específico, minha esposa Caroline, que me acompanha em todas as aventuras e zela de forma abnegada dos nossos filhos Gabriel e Isabella, a quem sou grato pelo sorriso fraterno com que me recebem em casa diariamente.

Aos meus pais e família, agradeço os valores transmitidos e o apoio, sobretudo durante minha jornada nos tempos de Colégio e Escola Naval. Aos amigos da turma do C-EMOS 2023, agradeço a amizade e companheirismo, em especial aos meus irmãos da turma Almirante Leal Ferreira partícipes de todos os momentos.

Por fim, ao Sr. Capitão de Mar e Guerra (Rm1-FN) Jorge Luís de Araujo Mello, meu orientador e ao Sr. Capitão de Fragata (FN) Eduardo Cruz Galvão, agradeço os aconselhamentos indispensáveis durante a elaboração deste trabalho.

RESUMO

As Operações Psicológicas são procedimentos que incluem ações conduzidas desde os tempos de paz, que têm por objetivo contribuir para o sucesso de operações militares ao promover alterações de comportamentos em públicos criteriosamente escolhidos. Apesar de ocorrerem desde tempos remotos, as Operações Psicológicas vêm desempenhando papéis cada vez mais relevantes nos conflitos contemporâneos. Este trabalho tem o propósito de analisar as propagandas elaboradas pelas forças israelenses por ocasião da Segunda Guerra do Líbano, ocorrida no ano de 2006 entre Israel e o grupo Hezbollah, no território libanês. O estudo foi conduzido sob a ótica do arcabouço teórico utilizado pelas Forças Armadas brasileiras, com ênfase no Manual de Operações Psicológicas do Exército Brasileiro, com o intuito de encontrar a resposta para o seguinte problema de pesquisa: “Existe aderência entre as Operações Psicológicas empregadas pelas forças israelenses e a doutrina preconizada nos Manuais doutrinários utilizados pelas Forças Armadas brasileiras?” A relevância do tema reside na oportunidade de explorar um conflito real, em que as forças israelenses fizeram amplo uso de técnicas de Operações Psicológicas, permitindo verificar a aderência dos fatos observados com os manuais militares brasileiros. Além disso, pretende-se, por meio deste trabalho, contribuir para literatura acadêmica, sobretudo no âmbito militar. Para atingir o propósito da pesquisa, utilizou-se a metodologia baseada na comparação entre teoria e realidade. Por meio deste confronto, concluiu-se que há múltiplos pontos de congruência entre a propaganda israelense e a norma teórica utilizada como referência. Ao final, o trabalho sugere linhas de pesquisa alternativas e ressalta a necessidade de se realizar esforços no intuito de se buscar o desenvolvimento de uma doutrina no âmbito da Marinha do Brasil ou unificada sob a estrutura do Ministério da Defesa.

Palavras-chave: Hezbollah. Israel. Operações Psicológicas. Propaganda. Segunda Guerra do Líbano.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pirâmide da Hierarquia das Necessidades de Maslow	52
Figura 2 - Folheto lançado pelos alemães sobre a FEB na 2ª Guerra Mundial	52
Figura 3 – Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano	53
Figura 4 – Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano	53
Figura 5 – Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano	54
Figura 6 – Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano	54
Figura 7 – Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano	55
Figura 8 – Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano	55
Figura 9 - Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano	56
Figura 10 – Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano.....	57
Figura 11 - Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano	58
Figura 12 - Visualização de Página da Internet contra o Hezbollah na 2ª Guerra do Líbano...	58
Figura 13 - Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

2ªGM	–	2ª Guerra Mundial
CRI	–	Capacidade Relacionada a Informação
EB	–	Exército Brasileiro
EUA	–	Estados Unidos da América
FAI	–	Força Aérea Israelense
FDI	–	Forças de Defesa de Israel
FEB	–	Força Expedicionária Brasileira
MALAT	–	<i>Mercaz L'Mitzaei Toda'a</i> (Centro de Operações da Consciência)
MB	–	Marinha do Brasil
MD	–	Ministério da Defesa
OBJ PSC	–	Objetivo Psicológico
OLP	–	Organização para Libertação da Palestina
ONU	–	Organização das Nações Unidas
OPINFO	–	Operações de Informação
OP PSC	–	Operações Psicológicas
UNIFIL	–	<i>United Nations Interim Force in Lebanon</i> (Força Interina das Nações Unidas no Líbano)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS.....	11
2.1	A TEORIA E SEUS CONCEITOS.....	11
2.2	O CONTEXTO HISTÓRICO E O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO NOS DIAS ATUAIS.....	16
3	A SEGUNDA GUERRA DO LÍBANO (2006).....	21
3.1	A ORIGEM DO CONFLITO, DO MOVIMENTO SIONISTA ATÉ 2006.....	21
3.2	UMA GUERRA EM 34 DIAS.....	25
4	AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS ISRAELENSES.....	30
4.1	A ESTRATÉGIA UTILIZADA.....	30
4.2	A PROPAGANDA TRADICIONAL.....	32
4.3	A PROPAGANDA EM SUAS NOVAS VERSÕES.....	34
4.4	RESULTADOS E LIÇÕES OBTIDAS.....	36
5	A REALIDADE CONFRONTA A TEORIA.....	39
5.1	ANÁLISE DOS CONCEITOS DOCTRINÁRIOS.....	39
5.2	O MÉTODO.....	40
5.3	PRINCÍPIOS DAS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS.....	41
5.4	A AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISES PÓS-CONFLITO.....	43
6	CONCLUSÃO.....	45
	REFERÊNCIAS.....	48
	ANEXO A - FIGURAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

As operações Psicológicas (Op Psc) vêm desempenhando um papel crucial nas estratégias de guerra contemporâneas. Elas visam a criação de um ambiente psicológico favorável aos objetivos das operações militares, por meio da geração de emoções ou comportamentos favoráveis, conforme veremos detalhadamente adiante.

Um exemplo do emprego das Op Psc foi observado na Segunda Guerra do Líbano, ocorrida no ano de 2006, entre as forças israelenses e o grupo militante Hezbollah. Nesse conflito, as Forças de Defesa de Israel (FDI) fizeram ampla utilização de conceitos que serão introduzidos ao longo deste trabalho. Durante os 34 dias de confronto, milhões de panfletos e centenas de milhares de mensagens de voz computadorizadas foram despejados sobre as tropas em combate e a população libanesa.

O conflito que será estudado remonta a um contexto histórico que envolve a rivalidade entre povos judeus e árabes, que não se restringe tão somente a disputas territoriais, mas se reveste ainda de significativa importância quanto ao aspecto das diferenças culturais e religiosas entre os povos envolvidos. A escolha desse conflito se justifica não apenas pela intenção de lançar um olhar sobre um caso real de emprego das Op Psc, mas também pela notável relevância das implicações dos embates no Oriente Médio no contexto da geopolítica global, bem como pela persistência dessa rivalidade secular até os dias atuais.

O propósito deste trabalho é analisar o emprego dos conceitos de Op Psc, buscando sua compreensão sob a ótica dos preceitos teóricos contidos nos manuais doutrinários utilizados pelas Forças Armadas brasileiras, com ênfase no Manual de Operações Psicológicas do Exército Brasileiro (EB) em sua 4ª edição. Buscaremos, ao final, responder ao seguinte problema de pesquisa: “Existe aderência entre as Operações Psicológicas empregadas pelas forças israelenses e a doutrina preconizada nos Manuais doutrinários utilizados pelas Forças Armadas brasileiras?” A escolha desse conflito, dessa referência teórica, e a busca pela resposta a esse problema se justificam pela importância essencial de aprofundarmos nesse tema e, sobretudo, pela necessidade de compreender se o arcabouço teórico à disposição das Forças Armadas brasileiras é aderente e harmônico com o que se observa em algumas operações militares contemporâneas, tomando como parâmetro as

técnicas empregadas pelas forças israelenses, que possuem significativa experiência nesta área de conhecimento. A relevância desse tema também se manifesta na constante evolução do estudo das Op Psc e de seu emprego em conflitos armados, tornando-se um campo de pesquisa bastante dinâmico e importante. Ao atingir o propósito supracitado, esta pesquisa pretende, ao final, contribuir para a literatura acadêmica e ampliar os conhecimentos no âmbito militar.

Neste trabalho utilizaremos uma metodologia baseada na comparação entre teoria e realidade. Nesse sentido, analisaremos como uma teoria se manifesta e se relaciona com fenômenos reais, proporcionando assim uma compreensão mais profunda e crítica sobre um tema. A pesquisa será conduzida por meio de referências bibliográficas baseadas em livros e artigos acadêmicos conceituados. Vale ressaltar que alguns dos autores utilizados foram observadores diretos do conflito, o que enriquece a abordagem com uma perspectiva *in loco*.

O trabalho foi estruturado em seis capítulos. Após esta introdução, no capítulo dois, abordaremos conceitos atinentes às Op Psc propriamente ditas, com ênfase na análise do manual doutrinário mencionado anteriormente. Para melhorar nossa compreensão histórica, bem como melhor entendermos o fenômeno da comunicação em massa, utilizaremos as obras “Guerra Psicológica” e “Manual da Teoria da Comunicação” dos autores Paul Linebarger (1962) e Paulo Serra (2017), respectivamente, que nos fornecerão o alicerce teórico necessário ao entendimento da pesquisa.

No terceiro capítulo, discorreremos sobre a evolução da relação entre os povos árabes e judeus desde o movimento sionista, no final do século XIX, fazendo uma breve descrição histórica. Daremos destaque aos conflitos ocorridos entre eles no século XX, com ênfase na Primeira Guerra do Líbano, ocorrida em 1982, que, como veremos posteriormente, teve impacto significativo na formação do grupo Hezbollah. Procuraremos compreender as razões que levaram ao rompimento das hostilidades em 2006 e abordaremos os principais desdobramentos da guerra, bem como seus resultados.

No quarto capítulo, realizaremos uma análise da forma de propaganda utilizada pelos israelenses. Exploraremos os métodos e meios de veiculação empregados, bem como as novas soluções tecnológicas encontradas para melhor disseminação da propaganda, e os efeitos observados no público-alvo.

No capítulo cinco, procederemos o confronto proposto em nossa metodologia, buscando identificar os pontos de aderência entre a referência teórica e os fatos narrados pelos autores estudados ao longo do trabalho.

Por fim, no último capítulo, reuniremos as conclusões obtidas ao longo do trabalho e abordaremos nossa compreensão acerca da análise da questão proposta. Serão apresentadas indicações sobre possíveis linhas de pesquisa futuras, e por último, discorreremos sobre eventuais implicações que o estudo apontará no âmbito do Ministério da Defesa (MD) e em particular para a Marinha do Brasil (MB).

2 AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

Neste capítulo, apresentaremos os principais conceitos teóricos relacionados às Op Psc. Serão utilizados documentos normativos e doutrinários empregados no âmbito do MD, com ênfase nos conceitos previstos no Manual de Operações Psicológicas do EB em sua 4ª edição, pois, na data de elaboração deste trabalho, é o único dentre os analisados que se dedica a tratar de forma exclusiva e aprofundada do tema objeto deste estudo.

Para facilitar a compreensão, dividiremos o capítulo em duas seções. Na primeira seção, ilustraremos os conceitos cruciais para o entendimento deste trabalho. Em seguida, abordaremos a importância das Op Psc, enfatizando seu papel histórico, sua relevância nos dias atuais e o eventual impacto da evolução dos processos de comunicação.

2.1 A TEORIA E SEUS CONCEITOS

Antes de nos aprofundarmos nas Op Psc, faz-se necessário compreendermos uma miríade de conceitos teóricos que alicerçam o entendimento geral sobre o assunto. Assim, definiremos Op Psc da seguinte maneira:

“As Op Psc são procedimentos técnico-especializados sistematizados, aplicáveis desde o tempo de paz, com o objetivo de motivar públicos amigos, neutros ou hostis a manifestarem comportamentos desejáveis, com o intuito final de apoiar a conquista de objetivos estabelecidos” (BRASIL, 2018a, p.18).

O glossário das Forças Armadas concorda com a definição acima e vai além, apontando uma definição adicional, qual seja:

“São Operações que incluem as Ações psicológicas¹ e a Guerra Psicológica e compreendem ações políticas, militares, econômicas e psicossociais planejadas e conduzidas para criar em grupos inimigos, hostis, neutros ou amigos, emoções, atitudes ou comportamentos favoráveis à consecução dos objetivos nacionais” (BRASIL, 2015, p.196).

Cabe destacar que, nas doutrinas militares brasileiras, as Op Psc são enquadradas como uma “Capacidade Relacionada a Informação (CRI)”², um conceito inserido em um

¹ Ações Psicológicas são atividades destinadas a fortalecer o moral de grupos amigos e a influenciar os demais públicos-alvo, gerando emoções, atitudes ou comportamentos favoráveis à consecução dos objetivos específicos (BRASIL, 2015).

² Capacidade Relacionada a Informação (CRI) são aptidões requeridas para afetar a capacidade de oponentes ou potenciais adversários de orientar, obter, produzir e difundir informações, em qualquer uma das três

contexto mais amplo. Elas são consideradas uma possibilidade de emprego quando da realização de Operações de Informação³ (OPINFO), juntamente com outras tarefas, tais como ações de guerra eletrônica, cibernética, despistamento, medidas de segurança orgânica e das informações digitais (BRASIL, 2018b), que não serão objeto de estudo neste trabalho.

As Op Psc contribuem de maneira direta e peculiar para a obtenção da superioridade de informação e para a conformação de cenários alvos, prevenção de ameaças, distensão de crises ou ainda para a solução de conflitos armados. Dentre seus propósitos, podemos enumerar: a busca pela redução de baixas e de danos em áreas conflagradas; a colaboração com a segurança e a proteção das tropas e de não combatentes; a economia de meios dos elementos apoiados, multiplicando assim o poder de combate das forças terrestres; a busca do apoio/aceitação às ações do Estado; e ainda a contraposição à desinformação e à propaganda adversa (BRASIL, 2018a).

A busca pela redução do número de baixas e a tentativa de subjugar o inimigo ainda antes do início das hostilidades não é exatamente uma novidade. Há aproximadamente 2.500 anos, o general chinês Sun Tzu (544 a.C. – 496 a.C.) já havia escrito: “Assim sendo, lutar todas as batalhas, não é um comportamento de excelência; a suprema excelência consiste em quebrar a resistência do inimigo sem luta” (TZU, 2011, p.33). O Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (EUA), em seu manual doutrinário, estabelece que, quando propriamente empregadas, as Op Psc podem salvar vidas amigas e/ou inimigas, ao reduzir a vontade de lutar do inimigo, diminuindo o moral do adversário e reduzindo sua eficiência, desencorajando ações agressivas, criando desafeição nas fileiras inimigas, induzindo-o a rendição (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2003).

Definiremos como dimensão informacional o conjunto de indivíduos, organizações e sistemas no qual tomadores de decisão são utilizados para obter, produzir, difundir e atuar sobre a informação (BRASIL, 2018b). As Op Psc incluem ações que ocorrem dentro deste espectro e, portanto, observam características específicas. A dimensão informacional é

perspectivas da dimensão informacional, podendo incluir ataques físicos, ações cinéticas e não cinéticas (BRASIL, 2018b).

³ Operações de Informação (OPINFO) são ações coordenadas sobre o ambiente de informação e executadas, com o apoio da inteligência, para influenciar um oponente real ou potencial, diminuindo sua combatividade, coesão interna e externa e capacidade de tomada de decisão, bem como para a proteção do próprio processo decisório, concorrendo, assim, para a consecução dos objetivos políticos e militares (BRASIL, 2018b).

permanente, podendo ser observada antes, durante e após o conflito, não se restringindo ao período em que um eventual Teatro de Operações⁴ esteja ativado. Alguns de seus efeitos exigem ações com antecedência e/ou requerem um tempo maior para a consecução e a consolidação de resultados. Além disso, não pode ser segmentada, pois permeia diversos níveis de decisão. Em consequência, as ações de uma tropa ou de um militar isolado podem gerar repercussões que extrapolam sua área de responsabilidade. Isso implica a necessidade de se supervisionar o planejamento e execução das Op Psc nos mais elevados níveis de decisão (BRASIL, 2018a).

Outras reflexões acerca das características que tornam as Op Psc únicas dentro do contexto das operações militares foram trazidas na década de 1960 por Paul Linebarger⁵ (1962) na obra “Guerra Psicológica”. Ele concorda que as ações Psicológicas são normalmente empreendidas antes, durante e após as ações convencionais de guerra, sendo, portanto, parte de um processo contínuo. Linebarger também destaca que essas operações não são travadas contra os agentes das Op Psc do adversário, não são controladas por leis, praxes e costumes da guerra e não podem ser definidas em função do terreno, da ordem de batalha ou de determinados combates (LINEBARGER, 1962).

O sucesso das Op Psc dependerá do atingimento do que chamaremos de Objetivo Psicológico (Obj Psc), que definiremos como uma condição da dimensão informacional que deve ser alcançada ou mantida pelo público-alvo, e que deve definir, identificar ou descrever com precisão as mudanças de atitudes ou de comportamentos desejadas (BRASIL, 2018a). Para que um público-alvo tenha um determinado tipo de comportamento, é necessário conhecer as suas necessidades (carências) e explorá-las em benefício da campanha de Op Psc. Para isso, deve-se conhecer a priorização das necessidades de determinado grupo, que geralmente podem ser representadas hierarquicamente a partir das mais fundamentais até as demandas mais complexas, conforme a pirâmide de Necessidades de Maslow⁶ (fig.1 –

⁴ Teatro de Operações é a parte do teatro de guerra necessária a condução de operações militares de grande vulto, para o cumprimento de determinada missão e para o consequente apoio logístico (BRASIL, 2015).

⁵ Paul M. A. Linebarger (1913-1966) foi Ph.D. em ciências políticas e professor de estudos asiáticos na Escola de Estudos Internacionais Avançados na Universidade John Hopkins. Serviu ao exército dos EUA, onde lutou na 2ª GM, ajudou a criar a Departamento de Guerra Psicológica, e teve participação nas Guerras da Coreia e do Vietnã, aposentando-se no posto de Coronel. Possuía vínculo com a comunidade de inteligência dos EUA, com especial interesse por propaganda e técnicas de Operações Psicológicas (LINEBARGER, 1962).

⁶ Abraham Maslow (1908-1970) foi um psicólogo e filósofo, que em sua obra argumentou que cada pessoa possui uma hierarquia de necessidades, que precisam ser satisfeitas, variando desde requisitos fisiológicos básicos, como alimentação, estima e até a autorrealização (BRITANNICA, 2023).

anexo A)(BRASIL, 2018a).

Entendemos como público-alvo o segmento social que compartilha determinadas características e para o qual serão direcionados os esforços motivadores das Op Psc. Em geral, esse público pode incluir atores em funções de comando, chefia e liderança, combatentes dos diversos escalões ou civis em uma área conflagrada (BRASIL, 2018a).

O sucesso das Op Psc depende da melhor utilização dos requisitos fundamentais de emprego, tais como a inteligência, que deve produzir conhecimentos indispensáveis para o planejamento, para a execução das Op Psc, incluindo conhecimentos detalhados que permitam visualizar os objetivos a serem alcançados, bem como as ameaças existentes, as características do público-alvo. Além disso, é essencial realizar uma correta caracterização do público-alvo, interpretando suas peculiaridades, aspirações e deficiências. O planejamento centralizado e bem estruturado no mais alto escalão é necessário, assim como a difusão adequada das mensagens e a permanente avaliação dos resultados. Essa avaliação é indispensável para o estudo de situação continuado e o aperfeiçoamento dos planejamentos das ações futuras (BRASIL, 2018a).

Para atingirem o propósito para o qual foram concebidas, as Op Psc demandam ainda a necessidade de avaliação contínua dos seus efeitos, devido ao dinamismo dos acontecimentos. A avaliação permite a identificação oportuna das modificações ocorridas na dimensão informacional, possibilitando assim acompanhar as variações quanto às ameaças e riscos, subsidiando a coordenação e o controle das Op Psc, e eventuais reorientações das ações (BRASIL, 2018a). Porém, em termos práticos, Linebarger aponta que só se sabe do sucesso ou insucesso de uma operação dessa natureza meses, ou mesmo anos após sua realização, o que, em sua opinião, impossibilita a acurada análise de seus resultados durante a fase de execução (LINEBARGER, 1962). Contudo, ele concorda com o Manual do EB ao afirmar que o sucesso das Op Psc, se bem que incalculável, pode ser esmagador; e o insucesso, apesar de não suscetível de averiguação, pode ser mortal (LINEBARGER, 1962), corroborando aqui com o manual em referência quando aponta que essas operações podem ensejar resultados acentuadamente contrários aos pretendidos, com repercussões negativas e custos elevados (BRASIL, 2018a).

A propaganda é o instrumento mais poderoso para influenciar a opinião pública (BRASIL, 2018a). Neste trabalho, definiremos propaganda como a difusão de qualquer

informação, ideia, doutrina ou apelo especial, visando a influenciar opiniões, gerar emoções, provocar atitudes ou dirigir o comportamento de indivíduos, ou grupos sociais, a fim de beneficiar, direta ou indiretamente, quem a promoveu (BRASIL, 2015). Por outro lado, a contrapropaganda é entendida como um conjunto de ações implementadas no sentido de prevenir, neutralizar ou minimizar os efeitos da propaganda inimiga sobre o público-alvo, com o objetivo de impedir que a propaganda adversa produza os resultados pretendidos, ou buscar anular seus resultados e revertendo-os contra o adversário, sendo o fator tempo crítico nesse processo (BRASIL, 2015; BRASIL, 2018a).

As mensagens utilizadas nas Op Psc devem ser elaboradas seguindo critérios técnicos de forma a produzir os efeitos necessários. Quanto ao conteúdo, devem ser coerentes com as outras mensagens já utilizadas nas Op Psc, alinhadas aos objetivos e baseadas em fatos, visando obter a máxima credibilidade junto do público-alvo. As mensagens, preferencialmente, devem abordar os temas sob ângulos emocionais que proporcionem apelos mais fortes capazes de sensibilizar o público-alvo, levando em conta os aspectos éticos geralmente aceitos por esse público, a fim de evitar que fatores não essenciais ao tema criem inibições para a aceitação das ideias a serem transmitidas. Devem-se evitar a exaltação a personalidades; ofensas à moral, às crenças e à dignidade do público-alvo, e tendências fundamentais que se julguem existentes (BRASIL, 2018a).

Quanto à forma, as mensagens devem utilizar a linguagem do público-alvo que se deseja atingir, com textos redigidos de maneira facilmente compreensível, com uma forma agradável e atrativa. As imagens devem ser preparadas de modo a gerar a compreensão de seu significado e interesse em sua observação. Recursos especiais, como apelo aos instintos (fome, por exemplo), humorismo e outros, podem ser utilizados. As mensagens sonoras devem ser facilmente compreendidas e provocarem o máximo de atrativos na sua recepção. Devem ser priorizado veículos que melhor assegurem a difusão oportuna e, ao mesmo tempo, garantam flexibilidade suficiente para atender às eventuais variações de oportunidade. A frequência de transmissão das mensagens deve ser cuidadosamente estabelecida, a fim de assegurar a necessária divulgação e os efeitos de persistência desejados, bem como, evitar a saturação do público-alvo e o conseqüente desinteresse ou mesmo aversão pela mensagem (BRASIL, 2018a).

O manual referência estabelece que o planejamento e execução das Op Psc devem

ser norteados pelos seguintes princípios: apoio em profundidade, unidade de comando, oportunidade, coerência, antecipação, flexibilidade, credibilidade, exequibilidade, progressividade, adequabilidade, objetivo e adequação (BRASIL, 2018a). Por ora, não nos aprofundaremos em cada um desses, porém, retomaremos esta análise quando verificarmos a aderência destes conceitos com os fatos observados no conflito que estudaremos no próximo capítulo.

Conforme vimos, as Op Psc serão tão mais eficientes quanto melhor forem os efeitos gerados no público-alvo, induzindo-os a adotarem comportamentos esperados pelos planejadores da missão. Para alcançar esse objetivo, o conhecimento de ferramentas conceituais, tais quais as descritas no Manual do EB, reveste-se de suma importância. Na próxima seção, ampliaremos o conhecimento acerca da importância das Op Psc e dos processos de comunicação.

2.2 O CONTEXTO HISTÓRICO E O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO NOS DIAS ATUAIS

A guerra psicológica e a propaganda são ambas tão antigas quanto a espécie humana (LINEBARGER, 1962). Em sua obra, Linebarger ilustra a importância desses conceitos, que têm sido empregados em combate desde a antiguidade. Ressaltamos que, para ele, os conceitos de Guerra Psicológica diziam respeito tão somente as ações que objetivavam obter vantagens militares, sem utilização de força, tendo sido esse conceito modificado nas doutrinas modernas.

Um dos primeiros registros do emprego dos conceitos de Op Psc remonta ao ano de 1245 a.C., especificamente no combate entre israelenses (que, curiosamente, é objeto de estudo deste trabalho, dado o emprego de técnicas semelhantes mais de 3.000 anos depois) e os povos midianitas⁷. Neste episódio, o emprego de estratégias⁸ permitiu que um exército de cerca de 300 homens pusesse em retirada um contingente inimigo numericamente muito superior (LINEBARGER, 1962).

Na Batalha de Artemísio (480 a.C.), no contexto da Segunda Guerra Greco-Persa, Temístocles, gravou inscrições nas pedras, para que fossem lidas pelos Jônios, que diziam:

⁷ Os midianitas eram um grupo de tribos nômades relacionadas aos israelitas, que viviam na região noroeste do deserto da Arábia (BRITANNICA, 2017).

⁸ Estratégias são manobras utilizadas em guerra para enganar ou confundir o inimigo (MICHAELIS, 2023).

“Homens da Jônia, fazeis mal ao combater vossos pais e ao auxiliar a escravizar a Grécia. Vinde, pelo contrário, juntar-vos a nós, ou então, se isto for de todo impossível, retirai vossas forças da luta e convencei os carianos a fazerem o mesmo. Mas, se nada disto puderdes fazer e estiverdes premidos por uma necessidade muito grande, quando em combate, conduzi-vos propositadamente mal, lembrando-vos que descendeis de nós e que a hostilidade do inimigo contra nós, originou-se inicialmente por vossa causa” (apud. LINEBARGER, 1962, p.43).

Observa-se aqui uma notável semelhança com folhetos espalhados durante a 2ªGM entre inimigos relutantes, como os italianos, chineses e outros (LINEBARGER, 1962). Na era moderna, a propaganda se tornou prática destacada já na primeira metade do século XX, haja vista seu emprego na 2ª Guerra Mundial (2ªGM) pelos aliados, bem como pela Alemanha nazista em todos os Teatros de Operações. Nessa guerra, as transmissões radiofônicas, e o lançamento de panfletos e folhetos foram especialmente empregados. Um exemplo ocorreu quando, na frente de combate da Força Expedicionária Brasileira (FEB), os alemães disseminaram panfletos, mostrando a ocupação do Rio de Janeiro pelos americanos, enquanto na Itália, os pracinhas brasileiros morriam (Fig. 2 – anexo A) (BRASIL, 2018a).

No período da Guerra Fria, as Op Psc passaram a atuar na manipulação de conhecimentos e/ou dados, reais ou fictícios, com o objetivo de iludir ou confundir um centro de decisão adverso e de alastrar os movimentos revolucionários, praticamente, em todos os países do mundo. Durante a Guerra do Vietnã, a televisão, inicialmente usada como veículo de propaganda estratégica dos EUA, acabou influenciando as opiniões públicas internacionais e americanas contra o conflito, favorecendo a causa do Vietnã do Norte (BRASIL, 2018a).

Linebarger enumera ainda os seguintes exemplos na história onde as técnicas de Guerra Psicológica foram empregas: a guerra psicológica naval utilizada por piratas caribenhos para amedrontar suas vítimas em vista; a propaganda utilizada pela Companhia Britânica da Índia Oriental, na conquista da Índia, contra esmagadora superioridade numérica; e a aplicação de Guerra Psicológica dos manchus, que conquistaram a China, recorrendo ao terror e vencendo uma desvantagem de 400 contra um (LINEBARGER, 1962).

De acordo com Lord⁹ e Barnett¹⁰, além da utilização das estratégias de psicologia por parte dos estados “agressores”, elas também podem ser uteis ferramentas quando

⁹ Lord Carnes foi Diretor de Comunicação Internacional e Política de Informação e Analista de Defesa no Conselho de Segurança Nacional dos EUA, professor militar do *Naval War College* e de ciência política na Universidade de Yale (ENCYCLOPEDIA, 2023).

empregadas pelos estados ditos mais “fracos”, por vezes forçados a depender de manobras diplomáticas para sua sobrevivência. O Império Bizantino, por exemplo, sobreviveu quase 1.000 anos depois que os bárbaros conquistaram Roma, pois definiu seus objetivos cuidadosamente, ajustando-os de acordo com seus meios, e usando o poder militar apenas quando absolutamente necessário. Bizâncio foi capaz de manter sua independência política e prosperidade relativa por séculos em face de desafios assustadores. Seus governantes usaram guerra política, operações psicológicas, força militar e outros elementos do poder nacional de maneira controlada e criteriosa para resistir a todos os invasores e rivais. Ainda que o império tenha diminuído, manteve seu núcleo (LORD, BARNETT, 1989).

Com o surgimento de religiões militantes de ideologias messiânicas, novas oportunidades e instrumentos tornaram-se disponíveis para travar a Guerra por meio de Op Psc. De fato, tornou-se cada vez mais possível separá-la da estratégia de guerra convencional, pois a ideologia e a religião se mostraram ferramentas eficazes para enfraquecer estados hostis e estender o próprio poder com pouco ou nenhum esforço militar (LORD, BARNETT, 1989). Esta afirmação é corroborada na análise de Linebarger, que ratifica que as duas últimas grandes guerras mostraram uma crescente proeminência da ideologia, ou credo político, como força propulsora da guerra, em lugar de frias considerações da diplomacia calculista. As guerras tornam-se mais sérias e menos cavalheirescas; o adversário agora deve ser considerado não apenas como um homem, mas com um fanático (LINEBARGER, 1962).

No que concerne a importância que as Op Psc adquiriram no curso dos conflitos armados, destacamos a afirmação de Lord e Barnett de que a Guerra do Vietnã, por exemplo, foi vencida pelos comunistas e perdida pelos EUA devido aos seus efeitos no campo psicológico do conflito (LORD, BARNETT, 1989). Linebarger aponta que, ao contrário do que se poderia imaginar inicialmente, o papel militar da propaganda e das operações correlatas não é tão obscuro ou impalpável quanto poderia parecer. Consequentemente, já na década de 1960, ele destacou a necessidade de alinhar os conceitos da Guerra Psicológica, com as agora convertidas em normas militares consagradas nas forças armadas modernas (LINEBARGER, 1962).

¹⁰ Frank Barnett (1921-1993) foi presidente do Centro Nacional de Informação Estratégica e Assessor civil do secretário do Exército dos EUA, e coeditor do livro Operações Especiais na Estratégia dos EUA. (LORD, BARNETT, 1989).

Adicionalmente, a subversão psicológico-política dos Estados, por meio de organizações internacionais, mesmo após a Guerra Fria, continua sendo uma realidade no ambiente estratégico contemporâneo. Essas atividades, embora ocorram em tempo de paz, estão intimamente ligadas à violência, terrorismo e insurgências revolucionárias, onde a Guerra Psicológica exerce papel relevante, nos dias atuais (LORD, BARNETT, 1989). Mais adiante, veremos exemplos de como as Op Psc ganham força em territórios sob influência intrínseca de grupos com características semelhantes às descritas por Lord e Barnett.

Atualmente, nos conflitos modernos, diante da nova realidade dos veículos de comunicação social e da influência da opinião pública, as Op Psc intensificam-se em busca do consenso de seus públicos, do fortalecimento da vontade de suas nações, do enfraquecimento da resistência adversária e da redução do número de baixas (BRASIL, 2018a). No contexto da evolução do papel das Op Psc, faz-se necessário destacar o aumento da significância do papel da comunicação em massa. Paulo Serra¹¹, autor do “Manual da Teoria da Comunicação”, afirma que no século XX, com o surgimento dos meios eletrônicos como o telefone, o cinema, a rádio, a televisão e, mais recentemente, a Internet, foram introduzidas novas formas de comunicação, que potencializaram a “comunicação de massas” a níveis extremos, ocasionando uma transformação no ecossistema cultural maior que nos três séculos anteriores (SERRA, 2007).

Outro fato relevante nos tempos modernos refere-se à análise dos aspectos culturais. É sabido que a comunicação não-verbal engloba uma série de elementos culturais como tempo, vestuário, gastronomia, entre outros, o que leva a conclusões do tipo: "a cultura é comunicação e a comunicação é cultura" (HALL, 1994, p. 215, apud SERRA, 2007). Com efeito, compreendemos que a utilização de técnicas específicas de comunicação, levando em conta aspectos culturais, possui um elevado potencial de alteração comportamental, em uma direção eventualmente inevitável, podendo levar a resultados esperados (SERRA, 2007).

Não menos importante é o fato que a comunicação em massa permite fazer chegar, potencialmente a todos os homens de todos os lugares e condições, informações e notícias. Nesse aspecto, os meios de comunicação de massa alcançaram tamanha importância nas sociedades modernas, que há quem afirme que “tudo o que sabemos sobre a sociedade e

¹¹ J. Paulo Serra é formado em filosofia, mestre e doutor em Ciências da Comunicação. É Professor Catedrático do Departamento de Comunicação, Filosofia e Política da Universidade da Beira Interior (UBI), e presidente da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (Sopcom). (LABCOM, 2023).

ainda o que sabemos sobre o mundo, sabemos através dos meios de comunicação de massa” (LUHMANN, 2000, p.1).

Quanto aos métodos de difusão da comunicação em massa, Serra aponta que tem sido observado que os livros têm perdido poder de influência em favor dos jornais, e que a publicidade, sob a forma de anúncios, é um dos principais meios de persuasão coletiva da era moderna (SERRA, 2007). Podemos imaginar aqui os efeitos causados pelas ações de panfletagem realizados na 2ªGM, considerando a vulnerabilidade do público exposto àquele conteúdo. Posteriormente analisaremos como a propaganda por meio de técnicas semelhantes exerceu papel central na estratégia psicológica israelense.

Por fim, faz-se necessário lançar um olhar sobre o impacto da internet na difusão da comunicação em massa. A internet representa uma capacidade de emissão a nível mundial, sendo um mecanismo para a disseminação da informação que não guarda relação com a localização geográfica. É considerada a única ferramenta que proporciona, simultaneamente, múltiplas categorias de comunicação, como a difusão massiva e unidirecional das informações, comunicação interpessoal e bidirecional, comunicação escrita, visual, áudio e a audiovisual, além da comunicação síncrona e assíncrona (SERRA, 2007).

Assim, ao concluir este capítulo, destacamos a importância que a Op Psc representaram nos conflitos ao longo da história. Diante de novas formas de comunicação em massa e suas potenciais implicações num conflito armado, torna-se evidente a importância de não prescindir, mesmo em tempos de paz, da necessidade de nos mantermos atualizados quanto a forma e o emprego das Op Psc, que vêm evoluindo e têm tido seu papel fortalecido nas operações militares. No próximo capítulo, abordaremos os fatos ocorridos durante a breve guerra entre as Israel e seus inimigos do Hezbollah, a fim de buscarmos entender eventuais correlações com os conceitos que acabamos de apresentar.

3 A SEGUNDA GUERRA DO LÍBANO (2006)

Neste capítulo, aprofundaremos nosso estudo sobre o conflito de maneira geral, com o objetivo de compreender o cenário no qual as Op Psc se desenvolveram. Para isso, na primeira seção, proporcionaremos uma contextualização histórica para compreendermos as origens das desavenças e seu aprofundamento ao longo do tempo. Em seguida, na segunda seção, analisaremos a cronologia do conflito, como ele se desenvolveu, e seus resultados alcançados.

3.1 A ORIGEM DO CONFLITO, DO MOVIMENTO SIONISTA ATÉ 2006

Para entender as origens do conflito entre Israel e o Hezbollah, é necessário buscarmos a compreensão das históricas desavenças entre os povos judeus e os demais povos que habitam a região do Oriente Médio. As interações entre esses povos ao longo dos séculos têm sido marcadas por guerras e disputas territoriais.

A partir dos anos 1880, a sociedade árabe foi confrontada com o desafio proposto pela comunidade judaica, que ansiava retornar a sua terra natal, de onde haviam sido expulsos no período da diáspora¹². Muitos judeus, que durante séculos viveram à margem da sociedade europeia, buscavam na fé um consolo para um almejado retorno a Sião (ou Jerusalém) (FRASER¹³, 2004).

O termo sionismo, pela primeira vez usado em 1892 pelo jornalista judeu Theodor Herzl¹⁴, remonta a um movimento que buscava a legitimação de um Estado judeu e surge no contexto histórico pós-Revolução Francesa, quando a urgência de sua criação, se dá em resposta a um crescente movimento antissemita na Europa (LAQUEUR¹⁵, 2003). Apesar da

¹² O termo diáspora refere-se a populações, ou membros de um grupo étnico, ou religioso, que se originaram num mesmo lugar, mas se dispersaram em locais diferentes (BRITANNICA, 2023).

¹³ T.G. Fraser (1944 -) é professor emérito na Universidade de Ulster, membro da Sociedade Histórica Real, da Sociedade Real de Artes, e da Sociedade Real Asiática. Autor dos livros: O Sonho Sionista e A Primeira Guerra Mundial e Seus Resultados (THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS, 2023).

¹⁴ Theodor Herzl (1860-1904) diplomata e jornalista húngaro, judeu, fundador do movimento sionista, atuou para transformação do movimento sionista em movimento político. Foi o primeiro presidente da Organização Sionista Mundial (BRITANNICA, 2023).

¹⁵ Walter Laqueur (1921-2018) historiador do terrorismo e do holocausto. Lecionou nas universidades de Chicago, Tel Aviv, Georgetown, Brandeis, Johns Hopkins e Harvard, dirigiu por 30 anos a Biblioteca para o Estudo do Holocausto e do Genocídio, em Londres, e copresidiu o Conselho Internacional de Pesquisa do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, em Washington, DC (THE GUARDIAN, 2023).

morte de Herzl em 1904, o movimento ganhou força nas décadas seguintes, à medida que ocorria o aumento dos assentamentos judeus na região da Palestina (FRASER, 2004).

Após a gradual ocupação da região por judeus vindos de diversas partes do mundo e décadas de disputas políticas, a comunidade internacional, impulsionada pela terrível realidade do extermínio judeu durante a 2ªGM, exerceu enormes pressões. Em 1947, a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a criação do Estado de Israel por meio de uma votação que gerou protestos junto à comunidade árabe e de alguns outros países como Grécia e Cuba, além da abstenção de outros como o Brasil. Intensos e violentos protestos que se seguiram à aprovação levaram a decisão do Reino Unido de abandonar a região em maio de 1948, levando a proclamação da independência de Israel e o início de um conflito armado (LAQUEUR, 2003). Naquele conflito, a coalizão árabe formada por forças libanesas, sírias, iraquianas e sauditas foi derrotada. Os acordos assinados em 1949 estabeleceram novas fronteiras, ampliando consideravelmente o território de Israel para além do estabelecido em 1947 (FRASER, 2004).

Na década de 1970, ocorreu uma grande transformação na população libanesa devido ao aumento da população muçulmana, que se opunha aos cristãos que detinham o poder no país. Nesse mesmo período, os guerrilheiros da Organização para Libertação da Palestina (OLP¹⁶) fizeram do Líbano o principal local para suas atividades. Estima-se que havia cerca de 400.000 palestinos vivendo nos campos de refugiados do país (FRASER, 2004). Pressionado pelas nações árabes, o governo libanês inicialmente autorizou o grupo a operar em uma região próxima à fronteira israelense. Contudo, posteriormente, sua presença foi se expandindo e tornou-se uma ameaça a comunidade local, levando a confrontos com as forças libanesas e desencadeando uma guerra civil (LAFFIN, 1985). A guerra civil libanesa envolveu todos os grupos religiosos e devastou o país entre os anos de 1975 e 1989 (FRASER, 2004).

Os ataques perpetrados pela OLP na fronteira israelense levaram a uma intervenção militar de Israel em 1978, resultando em uma ocupação que perdurou até a criação da Força-Tarefa da ONU UNIFIL¹⁷ no mesmo ano. No entanto, as forças da ONU não

¹⁶ OLP do inglês PLA (*Palestine Liberation Army*) é uma organização política que afirma representar os palestinos do mundo (árabes e seus descendentes que vivam na Palestina antes da criação do Estado de Israel) (BRITANNICA, 2013).

¹⁷ UNIFIL (*United Nations Interim Force in Lebanon*) é uma força-tarefa, criada pelo Conselho de Segurança da ONU em 1978 para confirmar a retirada israelense do Líbano, restaurar a paz e a segurança internacionais e

conseguiram manter a paz na região, e o aumento das tensões, juntamente com diversos ataques terroristas patrocinados pelo grupo, levaram à eclosão da Operação “Paz para Galileia” em 1982 (LAFFIN, 1985), a qual ficou conhecida como a Primeira Guerra do Líbano. O propósito declarado foi a criação de uma zona de segurança de 40km no sul do Líbano, mas acabou se estendendo além disso. As tropas israelenses alcançaram a capital Beirute, de onde retrocederam somente após a intervenção dos EUA (FRASER, 2004). Após o cessar-fogo, as forças israelenses permaneceram ocupando o sul do país por 18 anos, retirando-se somente em 2000 (LAFFIN, 1985).

Nesse momento, as populações cristã e xiita no sul do país deram boas-vindas ao exército israelense, na esperança de se livrar da presença da OLP. Porém, quando Israel decidiu fazer alianças com os cristãos maronitas, foram gerados ressentimentos por parte dos xiitas contra os judeus, o que acabou favorecendo a criação do grupo Hezbollah¹⁸ (JOHNSON, 2011).

O Hezbollah é uma organização política e paramilitar islâmica xiita, que surgiu em resposta à ocupação israelense (BRENNEM, 2009) e é classificado como uma organização terrorista pelos EUA e por alguns outros países. O grupo tem sido diretamente relacionado a uma longa lista de ataques terroristas contra Israel, EUA e outra nações ocidentais (JOHNSON¹⁹, 2011).

A partir de 1992, o grupo Hezbollah começou a se desenvolver dentro da política, participando das eleições parlamentares, num esforço para legitimar sua resistência (GHORAYEB, 2005). Como poder dominante no Sul do Líbano, o grupo tem fornecido serviços de educação, saúde e outros serviços sociais na região desde sua criação, suprindo as demandas que o governo libanês não podia ou não queria fornecer para seus cidadãos (BRENNEM, 2009).

De acordo com Norton²⁰, o Hezbollah possui os seguintes objetivos principais: a eliminação da influência de qualquer poder imperialista no Líbano; o estabelecimento de um

ajudar o governo libanês a restaurar sua autoridade efetiva na área (ONU, 2023).

¹⁸ Do original em árabe *Ḥizb Allāh*, que significa “partido de Deus” (BRITANNICA, 2023).

¹⁹ David E. Johnson foi (1951-2022) foi Coronel do Exército dos EUA, pesquisador da RAND Corporation e pesquisador adjunto do Modern War Institute em West Point (ASSOCIATION OF THE US ARMY, 2023).

²⁰ Augustus Norton (1946-2019) foi Coronel do Exército dos EUA, Ph.D. pela Universidade de Chicago, professor de relações internacionais e antropologia e Diretor do Instituto de Estudos Iraquianos na Universidade de Boston, membro do Conselho de Estudos Islâmicos e do Conselho de Relações Exteriores na Universidade de Oxford (ARAB CENTER, 2023).

regime islâmico no Líbano, e como objetivo final, a destruição de Israel e a libertação da Palestina. Para isso, o grupo necessita retirar os israelenses do Sul do Líbano (NORTON, 2017). O Hezbollah foi inspirado no líder iraniano Ayatollah Ruhollah Khomeini (1902-1989), e seus membros recebem treinamento e financiamento de forças iranianas e sírias, e utiliza táticas de guerrilha, a fim de compensar o desbalanço de forças (Israel) para alcançar seus objetivos militares (QASSEM, 2008).

Na década de 1990, o grupo, que anteriormente tinha suas atenções voltadas para ações locais, retomou os ataques terroristas internacionais, como o bombardeio da embaixada israelense (1992) e de um centro cultural judeu (1994) em Buenos Aires, além do ataque à embaixada israelense em Londres (1994), entre outros incidentes. Esse ciclo de violência permaneceu até 2000, quando as tropas israelenses se retiraram do Líbano (BRENNEM, 2009).

Com a saída oficial das tropas, o Hezbollah reassumiu imediatamente o controle da região e começou a desenvolver sua própria estrutura militar (BLANFORD, 2008). A partir desse momento, a prioridade do grupo passou a ser a manutenção do seu *status* armado, a fim de supostamente proteger o Líbano e o Oriente Médio de Israel e da influência dos EUA. O grupo classifica a mera existência de Israel como um “ato terrorista”, posicionando-se assim como uma organização contra-terrorista (BRENNEM, 2009).

Apesar de contar apenas com algumas centenas de guerrilheiros, por volta dos anos 2000, o Hezbollah recebeu os créditos pela retirada militar israelense e também pela “vitória” no conflito em 2006. O grupo é reconhecido por empregar uma estratégia militar efetiva desde os anos 1990, combinando guerra convencional e guerra psicológica. Embora essa não seja uma estratégia nova, o Hezbollah foi pioneiro ao submeter todas as suas operações aos requisitos de propaganda e comunicação em massa (BRENNEM 2009). Segundo o professor Pahlavi²¹, os conflitos ocorridos no Líbano entre 1982 e 2000, bem como a Guerra em 2006, são exemplos de conflitos assimétricos em que o fraco obteve vantagens ante o mais forte (PAHLAVI, 2007).

A análise dos fatos históricos relatados acima, desde a mobilização judaica em torno da formação de um estado independente em meio aos seus inimigos históricos, passando

²¹ Pierre C. Pahlavi (1972 -) é professor titular e presidente do Departamento de Segurança e Assuntos Internacionais e vice-diretor do Departamento de Estudos de Defesa do Canadian Force College em Toronto, é diplomado pela Universidade de Nice e Ph.D. pela Universidade de McGill (CANADIAN FORCES COLLEGE, 2022).

pelo processo e as lutas que culminaram na criação de Israel, até os fatores que levaram à criação de um grupo armado política e militarmente influente dentro do Líbano, nos proporciona uma compreensão do panorama que levou os atores envolvidos no conflito às portas da Guerra em 2006.

3.2 UMA GUERRA EM 34 DIAS

Quando, em 12 de julho de 2006, combatentes do Hezbollah cruzaram a fronteira e sequestraram dois militares israelenses, deu-se início a um conflito armado que acabou assumindo proporções inesperadas para ambos os lados. O sequestro, precedido de ao menos quatro outras tentativas de captura de pessoal das Forças de Defesa de Israel (FDI), aparentemente tinha o objetivo de barganhar a libertação de prisioneiros detidos em Israel (JOHNSON, 2011). Porém, após a retirada das tropas israelenses em 2000, os levantes palestinos na faixa da Gaza e Cisjordânia absorviam muito da atenção da FDI, o que os levou a não desejar um confronto com o Hezbollah no Líbano (BRENNEM, 2009).

Nos momentos que antecederam a guerra em 2006, a FDI acreditava numa mudança dos padrões de conflitos, que passariam a ser assimétricos²², com intensidade alta ou limitada. A ênfase seria na concentração de grandes forças terrestres apoiadas pela Força Aérea, transportando a guerra para o território inimigo, e buscando uma resposta rápida para induzir o inimigo a desistir de lutar (JOHNSON, 2011). Essa visão foi reforçada após o término da Segunda Intifada²³ em 2005, quando a ausência de uma ameaça de alto nível, combinada com as demandas significativas das FDI para lidar com os palestinos, afetou significativamente a estratégia e as perspectivas operacionais dos líderes políticos e militares israelenses. Alguns chegaram à conclusão de que o país possuía força militar e superioridade suficientes para dissuadir outros de declarar guerra contra ele. Além disso, como Israel não pretendia iniciar um conflito, o principal desafio enfrentado pelas forças terrestres seriam os conflitos assimétricos de baixa intensidade (JOHNSON, 2011).

No entanto, logo o Hezbollah passou a realizar ataques simbólicos além da fronteira,

²² Guerra Assimétrica é o conflito caracterizado pelo emprego de meios não convencionais contra o oponente, que se encontra muito inferiorizada em meios de combate (BRASIL, 2015).

²³ Intifada foram levantes populares palestinos na Cisjordânia e na faixa de Gaza com o objetivo de acabar com a ocupação israelense desses territórios e criar um estado palestino independente. (BRITANNICA, 2020).

aos quais Israel respondeu com moderação e reação proporcional, resultando em uma dissuasão mútua, por meio de um “equilíbrio do terror”. Essa estratégia, no entanto, falhou, pois o Hezbollah não foi desencorajado a continuar os ataques, culminando no colapso da “paz” em julho de 2006 (BRENNEM, 2009).

Os ataques que desencadearam o início do conflito se diferiram das tentativas anteriores de sequestro, pois ocorreram em áreas civis, quebrando, portanto, “regras informais” seguidas por Israel e pelo Hezbollah nos seis anos anteriores (BAR, 2007). Naquele momento, várias condições desfavoráveis se apresentavam para as forças israelenses, das quais destacamos: a falta de compreensão da ameaça representada pelo Hezbollah; a falta de treinamento e organização para a nova estratégia de operações conjuntas entre a Força Aérea Israelense (FAI) e a FDI; e a preparação contínua do Hezbollah desde a retirada israelense em 2000, que incluía a construção de abrigos subterrâneos, tuneis, trincheiras, estabelecimento de posições de combate, entre outros (JOHNSON, 2011).

Os objetivos israelenses no início do conflito não estavam claros. Segundo Johnson, a FDI tinha objetivos muito limitados no início das hostilidades, pois estavam pensando em termos de ações retaliatórias e não exatamente em guerra (JOHNSON, 2011). Concordando com isso, Brun afirma que o governo de Israel decidiu conduzir uma operação militar para transmitir uma mensagem clara que impediria futuros sequestros, em vez de travar uma guerra (BRUN, 2006). De acordo com o pesquisador israelense Fayutkin (2008), Israel buscava com a guerra atingir os seguintes objetivos políticos: restabelecer a dissuasão na região, enviando a mensagem ao Hezbollah de que não toleraria ataques além da fronteira dirigidos a seus soldados e cidadãos; e criar uma nova ordem no Líbano, eliminando o *status* do Hezbollah como um “estado dentro do estado”. Já os objetivos militares seriam: degradar ou eliminar as ameaças de mísseis e foguetes, criar uma zona de segurança ao longo da fronteira e obter a libertação dos soldados capturados (FAYUTKIN, 2008, apud BRENNEM, 2009).

Apesar das não comprovadas intenções iniciais, podemos afirmar, no entanto, que o desenrolar dos acontecimentos surpreendeu as autoridades israelenses. O primeiro-ministro Ehud Olmert, por exemplo, presumiu que uma operação aérea decisiva forçaria o Hezbollah a aceitar um cessar-fogo em poucos dias. Contrariando as expectativas, o ataque foi respondido com intensos bombardeios de foguetes que atingiram, pela primeira vez, a

cidade de Haifa, localizada a 30km da fronteira (JOHNSON, 2011).

A falta de informações sobre o inimigo por parte de Israel foi comprovada após o afundamento de uma corveta da classe Sa'ar 5, um dos navios mais modernos da esquadra israelense, atingido por um míssil de fabricação iraniana. Nesse momento, o Chefe de Operações Navais israelense assumiu que não estavam cientes que o Hezbollah possuía este tipo de armamento (KATZ 2006, apud JOHNSON, 2011).

Do ponto de vista psicológico, a guerra ocorreu em um momento desfavorável para Israel. Suas forças estavam exauridas devidos aos últimos anos de conflito na Palestina, que se iniciou alguns meses após a retirada das tropas do Líbano em 2000. Adicionalmente, a FDI havia perdido muito do seu conhecimento sobre o terreno libanês, o primeiro-ministro tinha pouca experiência de combate e eles haviam perdido a maior parte das suas fontes de inteligência. Isso facilitou o Hezbollah, que realizava a maior parte de suas atividades à noite, resultando em uma bem-sucedida campanha de desinformação. Essa campanha fez com que a FDI acreditasse que seus foguetes estavam obsoletos e enferrujados (SCHLEIFER²⁴, 2009). Além disso, o Hezbollah desenvolveu secretamente a capacidade hackear sistemas de inteligência e comunicações (JOHNSON,2011).

Ao longo do conflito, ocorrem diversos incidentes que resultaram em uma intensa pressão externa pelo fim das operações no Líbano. Em 30 de julho, um ataque aéreo destruiu um prédio em Qana, cidade libanesa localizada a 12km da fronteira israelense, resultando na morte de mais de 20 pessoas, incluindo crianças. Isso atraiu a ira da comunidade árabe e gerou acusações de que Israel atacava deliberadamente civis. Após esse evento, entre os israelenses, havia uma crescente sensação de que eles não iriam vencer no Líbano (JOHNSON, 2011).

No entanto, foram dois outros eventos que levaram a população israelense se voltar contra a guerra: a morte de 12 paraquedistas da FDI atingidos por um foguete do Hezbollah (um incidente transmitido pela mídia israelense que teve um impacto moral significativo na população) e um foguete que atingiu a capital Haifa no mesmo dia, matando três civis (HAREL; ISSACHAROFF, 2008). A sensação de unidade em torno da guerra que havia no país

²⁴ Ron Schleifer (1957 -) é um especialista israelense em Guerra de Informação/Psicológica, comunicações globais, Guerra Cibernética, interface de mídia militar e segurança nacional. É professor sênior na Universidade de Ariel, membro da Associação para o Estudo do Oriente Médio e África (ARIEL UNIVERSITY, 2023).

foi substituída por desgosto e repulsa (JOHNSON, 2011).

Fruto dos efeitos psicológicos advindos da repercussão negativa das notícias veiculadas, a atuação da FDI no conflito, e das baixas ocorridas em território israelense, até então inéditas, observou-se uma crescente pressão no seio da sociedade israelense e internacional, que levou ao planejamento da operação “Mudança de Direção 11”. Esta se constituiu na primeira operação conjunta em grande escala concebida para avançar sobre o território inimigo e que, três dias depois, levou à assinatura do cessar-fogo, encerrando as hostilidades. Em 14 de agosto de 2006, as tropas israelenses retornaram ao seu território e o espaço deixado por ela foi preenchido com militares da ONU (JOHNSON, 2011).

A guerra terminou sem que nenhum dos lados pudesse reivindicar uma vitória clara. O Líbano viu parte de sua capital, Beirute, devastada e seus territórios do Sul destruídos. O Hezbollah ficou com sua estrutura em ruínas, e Israel sofreu uma humilhação, por não conseguir derrotar uma força significativamente inferior numericamente (SCHLEIFER, 2009). Ao final, foram contabilizados aproximadamente 120 soldados mortos e mais de 1.000 feridos do lado israelense, além de 37 baixas civis causadas pelos foguetes do Hezbollah. As estimativas de mortes dos civis libaneses variam de 900 a 1.100, e o número de combatentes pode estar entre 250 e 800 (BYMAN; SIMON, 2006).

A reputação das FDI, elemento dissuasório essencial, foi prejudicada tanto pela falta de decisão no comando de suas operações quanto pelo fraco desempenho no terreno, atribuído à falta de preparação das forças. De acordo com Harel e Issacharoff (2008), os foguetes do Hezbollah expuseram a vulnerabilidade da frente doméstica de Israel e a indecisão de sua liderança, o que faz com que muitos israelenses ainda sintam desconfiança e dúvidas sobre a capacidade da FDI de enfrentar os desafios futuros (HAREL; ISSACHAROFF, 2008). Em termos militares, Israel foi obrigado a aceitar um cessar-fogo muito aquém dos objetivos estabelecidos inicialmente. O estado judeu não obteve a libertação incondicional dos soldados capturados, o controle da fronteira, tampouco a neutralização da milícia xiita (PAHLAVI, 2007).

Ao final deste capítulo, pudemos compreender como as tensões e animosidades entre judeus e os povos da região, iniciadas ainda no século XIX, culminaram em duas guerras impactantes dentro do contexto geopolítico local. Foram abordados fatos que nos permitiram compreender que as forças israelenses não estavam preparadas para um conflito

dessa natureza, sobretudo se considerarmos os riscos envolvidos, ao se decidir pela invasão no sul do Líbano, que não foram adequadamente calculados. Podemos inferir também que ações hesitantes tomadas pela FDI levaram a um cenário em que a reivindicação de vitória por parte de Israel não foi possível. A seguir, passaremos a analisar o desenvolvimento das ações no âmbito das Op Psc perpetradas por Israel e seus desdobramentos.

4 AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS ISRAELENSES

Neste capítulo, faremos uma análise das Op Psc realizadas pelas forças israelenses durante a Segunda Guerra do Líbano. Na primeira seção, buscaremos compreender como elas eram organizadas no âmbito da FDI, e abordaremos as estratégias utilizadas no conflito. Nas seções dois e três, discutiremos os métodos de propaganda tanto tradicionais quanto contemporâneos, explorando suas características. Por fim, na última seção, analisaremos os resultados alcançados nessas operações.

4.1 A ESTRATÉGIA UTILIZADA

Inicialmente, é importante destacar, conforme apontado por Schleifer, que as Op Psc israelenses tinham como públicos-alvos principais a comunidade xiita libanesa, principal suporte ao Hezbollah; grupos cristãos, sunitas e populações drusas²⁵ insatisfeitas com o caos trazido pelo Hezbollah; e Hassan Nasrallah²⁶, o líder o grupo revolucionário (SCHLEIFER, 2009).

O pesquisador H.S. Friedman (2009) conduziu um estudo no qual enumerou todas as formas de propaganda utilizadas. Segundo sua pesquisa, foram realizadas 47 missões, resultando no lançamento de um total de 17.000.000 panfletos sobre o Líbano. Adicionalmente, mais de 700.000 mensagens de voz foram direcionadas aos cidadãos libaneses. Os panfletos eram lançados quase diariamente por meio de caças (bombas de panfletos), contêineres em paraquedas e helicópteros. Existem ainda relatos não confirmados de lançamentos por meio de artilharia naval e terrestre (FRIEDMAN, 2009). Embora haja registros de mensagens direcionadas ao público neutro e à audiência doméstica israelense, este trabalho se concentrará nas mensagens que objetivaram os públicos-alvos acima descritos.

O departamento encarregado de conduzir as Op Psc pelo lado israelense era

²⁵ Os drusos formam uma pequena seita religiosa do Oriente Médio caracterizada por um sistema eclético de doutrinas e por uma coesão e lealdade entre seus membros. A maior concentração do grupo no mundo ocorre no Líbano (cerca de 300.000), onde têm exercido poder político desde a independência (BRITANNICA, 2023).

²⁶ Hassan Nasrallah (1960 -) é um clérigo muçulmano xiita libanês, que assumiu a liderança política e religiosa do Hezbollah em 1992, função que exerce até os dias atuais (ENCYCLOPEDIA, 2023).

conhecido como MALAT²⁷, e foi estabelecido, virtualmente a partir do zero em 2005, um ano antes do conflito, após a extinção de seu antecessor seis anos antes (HA'ARETZ, 2005). Em 2006, além do método tradicional de panfletagem, mencionado anteriormente, novas tecnologias como mensagens SMS e comunicação via internet foram utilizadas e mostraram-se bastante valiosos na avaliação dos impactos das Op Psc israelenses na sociedade libanesa (SCHLEIFER, 2009). Em seu método de atuação, a MALAT buscava ser coerente com a estratégia seguida pela FDI, conhecida como decapitação, na qual o foco era a eliminação do líder oponente e de seus meios de comunicação. Essa estratégia, aliada ao histórico hábito de personalização dos conflitos, levou a MALAT a orientar suas ações diretamente contra Nasrallah (SCHLEIFER, 2009).

É importante destacar algumas razões que devem ser consideradas quando da decisão de se estabelecer como alvo das Op Psc, o líder inimigo. De acordo com Schleifer (2009), durante períodos de crise, líderes podem acabar sendo perdoados ou até encorajados, levando a população a se unir em torno do alvo dos ataques. Outro efeito possível é a degradação moral do líder, ao se destacar seus defeitos já conhecidos, mas não explicitados. Esses possíveis efeitos colocaram Israel diante da decisão entre enfatizar os erros e crimes do líder do Hezbollah, permitindo que a população chegasse a suas próprias conclusões, ou lançar ataques diretos à honra e a sua moral. A opção escolhida foi a de zombar de Nasrallah. Essa decisão foi fundamentada na crença de que o humor pode atravessar fronteiras culturais, por meio do pensamento racional e crítico, e na importância que a honra possui na cultura árabe. Além disso, direcionar os esforços ao líder facilitou a formulação de mensagens e transmitiu a população libanesa a impressão de que não havia nenhuma desavença com eles, sendo o Hezbollah o único responsável pelas dificuldades que eles estavam enfrentando (SCHLEIFER, 2009).

É interessante observar que, à medida que Nasrallah se apresentava como uma figura encarregada da “tarefa sagrada” de destruir Israel, a MALAT se recusou a referir-se a ele pelo sobrenome, tratando-o com desdém, o chamando de Hassan, um nome árabe comum, sem distinção. Nas palavras de Schleifer: “negar a Nasrallah a dignidade de um sobrenome e tratá-lo por seu nome de batismo tinha a vantagem adicional de derrubá-lo das elevadas alturas de um líder religioso para um mero ninguém” (SCHLEIFER, 2009, p. 228).

²⁷ Do original “Mercaz L'Mitzaei Toda'a”, que pode ser traduzido como “Centro de Operações da Consciência”, e era o diretório das Forças de Defesa de Israel especializado em Guerra Psicológica (SCHLEIFER, 2009).

Vimos portanto que a MALAT fez uso massivo de métodos de propaganda com o objetivo de promover uma separação ideológica dentro do Líbano, colocando em lados opostos o Hezbollah e o restante da sociedade, por meio do ataque a imagem de seu principal líder.

4.2 A PROPAGANDA TRADICIONAL

Uma análise mais detalhada das mensagens revela que havia, por parte de Israel, dois objetivos principais: o primeiro, de natureza estritamente militar, visava o fim dos bombardeios em Israel; o segundo objetivo, de natureza política, buscava comprometer a posição de Nasrallah dentro do Hezbollah e do Líbano, alienando-o junto a comunidade xiita e aprofundando a divisão entre o grupo e seus apoiadores externos e internos, com o intuito de paralisar suas atividades (SCHLEIFER, 2009). Israel acreditava que, ao fazer a população libanesa sofrer pelas mãos do Hezbollah, o governo do país poderia finalmente assumir o controle da situação na totalidade (BRENNEM, 2009).

Enumeraremos, a seguir, algumas dentre as principais mensagens apresentadas por Friedman (2009), que podem ser visualizadas no anexo A deste trabalho, e que corroboram com a linha estratégica mencionada anteriormente: Nasrallah foi retratado como uma cobra com seu turbante preto prestes a engolir a capital libanesa, e uma cobra manipulada pelos presidentes da Síria, Irã, e líder do Hamas²⁸, induzindo a ideia de que o conflito é uma troca de favores entre eles (Fig. 3 e 4 – anexo A); Nasrallah foi representado em um *bunker*, enquanto explosões matavam civis libaneses, alertando que Israel aumentaria o bombardeio contra o Hezbollah (Fig. 5 – anexo A); uma ilustração que mostra o líder do Hezbollah arrastando o cedro (símbolo do país) para o abismo, indicando que estariam dispostos a marchar em frente (Fig. 6 – anexo A); uma figura de Nasrallah escondendo-se atrás de famílias libanesas enquanto o país é bombardeado (Fig. 7 – anexo A); uma representação da antiga fábula libanesa do escorpião e do sapo, indicando que não importa o quão generoso seja o escorpião (Hezbollah), quanto dinheiro e comida distribuem aos pobres, enquanto afirmam serem um partido legítimo, pois eles são assassinos, e nunca mudarão.

²⁸ O Hamas é um movimento de resistência islâmica, nacionalista palestino, militante, que atua na Cisjordânia e na faixa de Gaza, que se dedica ao estabelecimento de um estado islâmico independente na Palestina (BRITANNICA, 2023).

Interessante, aqui, é observar a tentativa de exploração da cultura local na transmissão da mensagem (Fig. 8 – anexo A); e mensagens telefônicas reportando que Nasrallah havia fugido para Síria.

Friedman (2009) relata que também ocorreu o lançamento de desodorizantes automotivos com formato e odor do cedro, símbolo do país (Fig. 9 – anexo A). Na propaganda, era visível a cabeça de Nasrallah, escondendo-se atrás da árvore. Fontes entrevistadas em sua pesquisa relataram que o efeito da mensagem foi positivo e os desodorizadores eram muito populares.

No decorrer do conflito, um grande número de refugiados abandonou o sul do país em direção ao norte, o que foi visto como uma questão de caráter humanitário. Para pressionar o governo local a lidar com a questão, a estratégia de propaganda precisou ser modificada. Foi necessário, ainda, tentar desviar as críticas aos bombardeios realizados pela FAI (SCHLEIFER, 2009). Algumas das mensagens, apresentadas por Friedman (2009), dentro desse contexto foram: no dia seguinte ao início do conflito, panfletos lançados no Sul do país aconselhavam as pessoas a evitarem todos os lugares frequentados por membros do Hezbollah (Fig.10 – anexo A); mensagem de alerta a população da capital Beirute quanto a escalada das ações israelenses a fim de defender seus cidadãos; e alertas diversos à população do Sul do Líbano solicitando que evacuassem possíveis áreas de bombardeios, pois havia risco de vida aos que ali permanecessem. Nas proximidades do fim do conflito, panfletos com mensagens semelhantes foram lançados na capital e em cidades do norte, como Trípoli e Sidon; e mensagens telefônicas solicitando a população que parassem de seguir as orientações do Hezbollah, pois somente as solicitações do governo libanês seriam atendidas por Israel, e que os ataques não cessariam até que os terroristas se rendessem.

Quando as forças terrestres entraram no conflito, as Op Psc tomaram novo rumo devido à necessidade de responder à campanha do Hezbollah, que visava elevar o moral libanês por meio da divulgação de relatórios das baixas dos militares da FDI. No entanto, a manutenção da credibilidade, que era parte crucial da campanha psicológica utilizada contra Israel, cometeu erros de julgamento ao fazer reivindicações consideradas exageradas. A MALAT aproveitou rapidamente essa situação para minar Nasrallah, retratando-o como mentiroso e lançando dúvidas sobre sua credibilidade como um todo. Quando ele argumentou que seu grupo não havia praticamente sofrido baixas durante a luta, o que se

viu imediatamente, foi a publicação de uma longa lista de mortos em combate. Quando o Hezbollah alegou que a lista era uma fabricação, Israel respondeu com uma segunda lista ainda mais detalhada (SCHLEIFER, 2009). A TV israelense também divulgou imagens de tropas transportando cadáveres de supostos terroristas do Hezbollah.

Deste modo, analisamos uma parcela do conteúdo da propaganda israelense utilizada no conflito. Assim, observamos que foram utilizados diferentes métodos com intenções distintas, desde a tentativa de convencimento da população quanto às intenções da FDI, passando pela mobilização em torno de se criar uma narrativa que apresentava Nasrallah e o Hezbollah como vilões do conflito, até alertas de perigo com pretexto de buscar empatia nas comunidades afetadas.

4.3 A PROPAGANDA EM SUAS NOVAS VERSÕES

Além das abordagens anteriores, foram empregadas outras modalidades de mensagens, como o oferecimento de recompensas, que variaram desde dinheiro até mesmo “casa novas” para aqueles que oferecessem informações que ajudassem a FDI no combate a guerrilha (FRIEDMAN, 2009). Ao perceber que o único contato de Nasrallah com sua tropa se dava por fitas de vídeo, Israel passou a divulgar mensagens questionando onde estaria esse chamado “grande herói” que mandou as tropas para morrer e depois se escondeu em segurança (fig. 11 – anexo A). O intuito era não somente gerar ressentimento entre os combatentes, mas também explorar a sensibilidade dos árabes em relação às questões de honra (SCHLEIFER, 2009).

Durante as hostilidades, surgiu na internet uma página que utilizava bandeiras e símbolos libaneses (fig. 12 – anexo A), e pretendia, em diversos idiomas, clamar uma por ajuda ao povo do Líbano. Possivelmente vinculada às agências de inteligência israelenses, trazia mensagens como:

“Não nos contentemos com palavras! Quem puder e quiser ajudar o Líbano a erradicar o mal do Hezbollah e recuperar sua independência, liberdade e prosperidade, quem tiver informações que possam promover esse propósito, fica desde já convidado a entrar em contato conosco em um dos endereços listados abaixo. Sigilo e recompensa financeira adequada são garantidos. Qualquer

informação que nos ajude a restaurar a paz e combater o terror com cuidado e eficácia será bem-vinda²⁹.” (FRIEDMAN, 2009, p. 26 – tradução nossa).

Israel incentivou ainda cerca de 5.000 membros da União Mundial de Estudantes Judeus a rastrear websites e salas de chat anti-israelenses. Utilizando um software especial, eles transmitiram mensagens de apoio à causa judaica nesses fóruns. No que concerne a utilização combinada de plataformas de internet dentro das Op Psc, é relevante trazer os apontamentos do Tenente-Coronel Thomas, do Exército dos EUA, que afirmou estar em andamento um fenômeno o qual ele chamou de “operações psicológicas cibernéticas”. Essas operações têm como objetivo atacar e influenciar atitudes e comportamentos de soldados e da população em geral, envolvidos em uma batalha de influência digital. De acordo com ele, os panfletos eletrônicos, incluindo aqueles mencionados no website supracitado, são exemplos de como os exércitos não mais podem se posicionar apenas entre o inimigo e o público (THOMAS, 2007).

O rádio foi outro meio utilizado para atingir a população libanesa. No entanto, a fim de evitar que os ouvintes rejeitassem o conteúdo ao perceberem que se tratava de uma estação inimiga, começou-se a transmitir detalhes de zonas de conflito, orientando os residentes a deixarem as áreas antes que os bombardeios ocorressem. A expectativa era de que, preocupados com suas vidas, as pessoas permanecessem sintonizadas no rádio, e assim, expostas às mensagens da emissora. Essa tática, porém, inevitavelmente revelava ao Hezbollah os planos operacionais de Israel, permitindo que se prevenissem ou mesmo realizassem emboscas (SCHLEIFER, 2009).

As forças israelenses reativaram uma antiga estação de rádio chamada “Voz do Líbano”, financiada por Israel e operada no Sul do país até a saída das tropas em 2000. Nessa estação, eram transmitidas mensagens em árabe, tais como: “Por que as pessoas culpam Israel por se defender contra o terrorismo?” ou “Por que deveríamos permitir que terroristas bombardeiem nossas casas?” Paralelamente, Israel conseguia interceptar transmissões do canal de TV *al-Manar*, a serviço do Hezbollah, e inseria frequentemente imagens que

²⁹ Do original: “Let us not be content with words! Whoever is able and willing to help Lebanon eradicate Hezbollah's evil and get back its independence, freedom and prosperity, whoever has information that could promote this purpose, is hereby invited to contact us at one of the addresses listed below. You may enter your personal details, but you can also provide your information anonymously. Secrecy and appropriate financial reward are guaranteed. Any information that will help us restore peace in the area and fight terror carefully and effectively would be welcome. Help us root out this evil and restore normal life to all the people who live in the region. For your own safety, please contact us from places where no one knows you” (FRIEDMAN, 2009, p. 26).

mostravam locais comandados pelos terroristas, supostamente invadidos pela FDI, anúncios da morte de guerrilheiros, e mensagens em tom de ameaça a Nasrallah. (FRIEDMAN, 2009).

Outro ponto que diferencia este conflito de outros que o antecederam no que tange a análise das Op Psc é que, até então, qualquer avaliação da reação do inimigo baseava-se em especulações da mídia, documentos capturados ou interrogatório de prisioneiros. Na Segunda Guerra do Líbano, a mídia e os blogs libaneses revelaram-se bastante úteis para avaliar o impacto das mensagens no público-alvo. Entrevistas realizadas com soldados da FDI, declarações do Hezbollah transmitidas nas redes de TV e rádio da organização (guardadas as ressalvas quanto a veracidade das informações) foram também fontes importantes (SCHLEIFER, 2009).

4.4 RESULTADOS E LIÇÕES OBTIDAS

Mensurar a efetividade das Op Psc em determinado conflito é uma tarefa costumeiramente incerta. Schleifer (2009) enfatiza que o objetivo principal dessas operações deve ser a persuasão, que, por sua vez, é alcançada parcialmente quando as informações atingem o público-alvo, o que não implica necessariamente convencê-los a adotar um determinado comportamento. Vale ressaltar que o processo de persuasão é lento, enquanto as comunicações, especialmente na era atual (conforme vimos no capítulo dois) são instantâneas.

Podemos dizer que Israel falhou em seus objetivos imediatos, uma vez que os foguetes do Hezbollah continuaram a cair em território israelense até o final da guerra. Além disso, tampouco se observaram rebeliões ou agitações nas fileiras do Hezbollah. Ao término do conflito, Nasrallah ainda permanecia no comando, e a tentativa de minar os patrocinadores iranianos e sírios também não foi bem-sucedida (SCHLEIFER, 2009).

Além de não alcançar os objetivos políticos e militares, Israel sofreu grande revés psicológico. Segundo Pahlavi, o Estado judeu perdeu a vantagem psicológica em todas as frentes: doméstica, regional e internacional. Uma pesquisa de opinião pública realizada pelo diário israelense *Yediot Aharonot* indicou que a maioria da população sentia que a FDI não havia alcançado os objetivos da operação e a resolução do conflito na ONU representou uma derrota moral para seu país, que havia perdido a guerra. Essa opinião foi amplamente

compartilhada nos países vizinhos, onde o fracasso do Estado judeu foi interpretado como a vitória do Hezbollah (PAHLAVI, 2007).

No entanto, na visão de Schleifer, a campanha não pode ser considerada um fracasso absoluto, haja vista que expôs as fissuras existentes entre o Hezbollah e as comunidades cristã, drusa e sunita. Ele considera ainda que esperar que os libaneses fossem às ruas para protestar contra a destruição do país foi uma meta muito otimista, dadas as dinâmicas políticas no Líbano (SCHLEIFER, 2009). É indiscutível, contudo, que a campanha de ridicularização da figura de Nasrallah desempenhou um papel significativo na divisão das comunidades da sociedade libanesa, ao dismantelar a imagem de infalibilidade, santidade e crueldade que ele vinha cultivando. Retratar o líder inimigo como mentiroso serviu para quebrar uma barreira psicológica aparentemente impenetrável que havia sido erguida (FAYAAD, 2006).

A guerra e os eventos internos subsequentes conseguiram dividir o país e seu sistema político em dois grupos: os xiitas, e um segundo grupo composto por sunitas e cristãos, que culpavam o Hezbollah pela retaliação israelense ao país (BRENNEM, 2009). Outro ponto positivo é que a combinação de panfletos e mensagens de rádio, possivelmente convenceram um grande número de civis a evacuar zonas de perigo, permitindo a redução do número de baixas civis (SCHLEIFER, 2009).

Das dificuldades observadas na condução das Op Psc, Schleifer (2009) destaca algumas que servirão de subsídios para análise posterior neste trabalho. Em um conflito militar como este, onde nenhum lado é capaz de reivindicar uma vitória clara, a imagem da frente de batalha projetada para o mundo exterior é crucial para o sucesso das Op Psc. No entanto, devido ao fato dos processos de persuasão levarem tempo para se enraizarem e provocarem mudanças de atitudes e comportamentos, podemos inferir que um conflito com 34 dias de duração apresenta uma grande desvantagem nesse contexto. Outro fator relevante foi o fato de a recém-criada MALAT não possuir experiência operacional nem tempo para formular uma campanha eficaz contra um oponente como o Hezbollah. A FDI, por sua vez, negligenciou o período pós-Guerra, que é quando efetivamente surgem questões políticas sobre quem realmente venceu o conflito. Nesse contexto, houve falhas na condução das entrevistas com prisioneiros de guerra e também na perda da oportunidade de demonizar o Hezbollah ao expor o trabalho forçado, muitas vezes envolvendo crianças, e

o uso de civis como escudos humanos. Restou evidente, ainda, a importância da coordenação das ações militares junto às Op Psc, pois o conflito mostrou que, ao preparar o terreno antes do combate, essas operações poderiam aliviar as forças em batalha e apoiar operações específicas, porém, nada podem fazer quando não são envolvidas no planejamento (SCHLEIFER, 2009).

Com efeito, Schleifer (2009) destaca ainda que a campanha não termina após o último tiro, pois é necessário manter uma imagem positiva no exterior a fim de sustentar os objetivos militares e políticos, enquanto uma imagem negativa pode desfazer todo trabalho realizado.

Ao findarmos a contextualização do conflito em questão, abordando desde a história que envolveu os atores até a janela temporal objeto deste trabalho, passando pela exemplificação dos métodos de Op Psc utilizados, podemos realçar algumas conclusões parciais. Primeiramente, a decisão de estabelecer Nasrallah como alvo, aparentemente, não apresentou os resultados esperados. Embora tenha sido observada a divisão pretendida na população libanesa, não houve impacto da vontade de lutar do Hezbollah. Além disso, métodos convencionais e não convencionais foram utilizados em larga escala. Por fim, em princípio, o controle da narrativa após o conflito se mostrou favorável a causa do Hezbollah, o que pode indicar que houve negligência israelense nesse sentido. A partir de agora, podemos proceder com a análise do que foi apresentado no capítulo dois sob a ótica do conflito, e no próximo capítulo, identificar os pontos de convergência e divergência na busca do confronto da teoria com a realidade.

5 A REALIDADE CONFRONTA A TEORIA

Neste capítulo, focaremos em verificar se a realidade observada no conflito possui aderência com as teorias apresentadas no capítulo dois. Devido à indisponibilidade de documentos de classificação reservada utilizados para o planejamento da operação, não será possível confirmar se esses se coadunam com o previsto nas normas brasileiras. Por esse motivo, iremos nos concentrar especificamente na forma de atuação da MALAT e FDI, no contexto que envolveu a utilização das Op Psc e nas análises das mensagens utilizadas em suas distintas características.

5.1 ANÁLISE DOS CONCEITOS DOUTRINÁRIOS

Inicialmente, ao examinarmos o conceito de Op Psc conforme a definição contida na teoria, sobretudo no que tange ao objetivo de se buscar por meio delas a motivação de públicos amigos, neutros ou hostis de forma a manifestarem comportamentos desejáveis, observamos que, ao longo do conflito, a MALAT direcionou mensagens tanto aos combatentes do Hezbollah quanto à população não simpatizante a sua causa, com a intenção de provocar alterações de comportamento que levassem ao fim das hostilidades. Isso encontra aderência com o conceito teórico das Op Psc, que buscam obter superioridade informacional no intuito de reduzir o número de baixas, proteger as tropas e por consequência economizar meios israelenses.

Com base nas informações coletadas por Schleifer (2009), podemos inferir que a doutrina de Op Psc israelense compartilha conceitos semelhantes com as chamadas *Effect Based Operations*³⁰ (EBO). Em teoria, buscam influenciar a mente de um público designado, diferindo apenas os meios utilizados. Enquanto nas Op Psc são empregadas ações de informação, nas EBO busca-se ataques direcionados. No entanto, não encontramos menção a essa correlação nos referenciais teóricos deste trabalho. Pelo contrário, há um entendimento inequívoco de que a Guerra Psicológica é tratada como assunto não violento.

A atuação centralizada da MALAT, gerenciando todas as ações de natureza

³⁰ EBO é uma doutrina trazida da Força Aérea dos EUA, que rejeita a noção de um confronto total com o inimigo, optando por atingir objetivos-chave, supondo causar uma reação em cadeia ao destruí-los (SCHLEIFER, 2009).

psicológica, sob coordenação direta dos alto comando da FDI, atuando no mais elevado nível de decisão, também é prevista na referência teórica. Quanto a atuação na dimensão informacional de forma permanente, faz-se necessário considerarmos alguns aspectos. Conforme vimos no capítulo quatro, no início do conflito, a MALAT era uma estrutura recém-criada, de forma que não há indícios de que havia um monitoramento contínuo prolongado das atividades afetas as Op Psc no período anterior ao conflito. Este fato, associado a necessidade de tempo para obtenção dos efeitos e consolidação de resultados, conforme preconizado na teoria, pode ter prejudicado o atingimento dos Obj Psc, haja vista estarmos tratando de uma guerra que durou apenas 34 dias.

5.2 O MÉTODO

No conflito em análise, constatamos que a propaganda foi efetivamente utilizada como instrumento de convencimento, alinhando-se assim com a teoria. Por meio da propaganda, procurou-se persuadir os combatentes inimigos de que lutavam por uma causa inefetiva que não levaria aos resultados esperados. Também foram direcionadas mensagens aos não simpatizantes do Hezbollah, destacando o grupo como responsável direto por todas as mazelas que enfrentavam, entre outras abordagens. A contrapropaganda também foi empregada em consonância com os preceitos teóricos, visando neutralizar os efeitos das mensagens do Hezbollah direcionadas ao público interno e externo sobre os resultados das ações no terreno.

Na elaboração das mensagens, foram empregados critérios técnicos que muito se assemelham aos que vimos no capítulo dois. A MALAT procurou utilizar de conteúdo coerente com os objetivos das Op Psc, buscando ângulos emocionais visando a sensibilização do público. Foi observada a reiterada exploração de componentes da camada inferior da pirâmide da hierarquia de necessidades de Maslow, como necessidades de ordem fisiológica (fome, sede) e de segurança (proteção). Como exemplo temos os panfletos retratando Nasrallah se escondendo atrás de famílias.

A análise do aspecto ético carece de maior aprofundamento. Pela teoria, é necessário levar em consideração os aspectos geralmente aceitos pelo público-alvo, a fim de evitar barreiras para a aceitação da mensagem. Portanto, deve-se evitar exaltar personalidades e

fazer ofensas à moral, crenças e dignidade do público alvo. Embora tenha sido perceptível a preocupação em não atingir a honra da religião muçulmana, a personificação de Nasrallah como alvo, muitas vezes ridicularizado, pode ter levado a resultados incertos, mostrando um desvio do preconizado na teoria de referência. Neste ponto, ressaltamos, conforme vimos no capítulo quatro, que a personalização dos conflitos é um hábito israelense.

Quanto à caracterização do público-alvo, observamos que foi feita uma análise correta quanto necessidade de se atingir o segmento social não simpatizante ao Hezbollah que, em sua maioria, compartilhava das mesmas aspirações acerca da demanda imediata pelo fim do conflito. No entanto, as mensagens destinadas aos combatentes não surtiram o efeito desejado, possivelmente devido à análise de que haviam deficiências de coesão do grupo, que não se confirmaram.

Podemos notar que a MALAT seguiu diversos preceitos estabelecidos na referência teórica ao elaborar as mensagens transmitidas. Os textos foram redigidos na linguagem local, de forma clara e compreensível. As imagens, em sua maioria desenhos, possuíam significados de fácil compreensão, e utilizavam de humor como forma de apelo ao público. Todavia, optou-se também pelo uso de caricaturas a fim de persuadir a comunidade xiita e o Hezbollah a tomar conhecimento dos panfletos lançados do céu por aviões que normalmente lançam bombas em suas casas (SCHLEIFER, 2009). As mensagens sonoras, conforme vimos no capítulo quatro, também buscaram atingir o maior número de ouvintes.

De forma geral, observamos que a difusão das mensagens atendeu às demandas por flexibilidade e oportunidade, haja vista os inúmeros meios utilizados (TV, rádio, internet, panfletos, SMS), que foram capazes de entregar as mensagens na maior parte do tempo, atendendo também ao princípio da frequência, uma vez que as mensagens foram disseminadas quase diariamente num conflito que durou pouco mais de 30 dias.

5.3 PRINCÍPIOS DAS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

Quanto aos princípios das Op Psc preconizados no manual do EB em referência, podemos concluir que estiveram presentes em sua maioria, conforme veremos adiante. Entretanto, faz necessário discorrer sobre algumas nuances específicas. A centralização das atividades pela MALAT seguiu ao princípio da unidade de comando. No entanto, não

podemos afirmar que foi dada devida importância às Op Psc nos mais altos níveis de planejamento, haja vista que em certos momentos do conflito houve uma dissociação entre as mensagens transmitidas e a realidade nas ruas. Pahlavi (2007), por exemplo, acredita que uma das razões para o insucesso israelense foi a subordinação da Guerra Psicológica à confiança na supremacia militar, enquanto o Hezbollah, ciente de seu *status* militar mais fraco, fez da Guerra Psicológica sua prioridade (PAHLAVI, 2007).

Ao considerarmos a efetividade do princípio da credibilidade, observamos na teoria, que as Op Psc devem ser baseadas em fatos que levem o público-alvo a acreditar nas mensagens difundidas. Não parece que a FDI desconhecia esse conceito, em face das inúmeras oportunidades em que buscou minar a credibilidade do Hezbollah. Por exemplo, quando Nasrallah afirmava que haviam poucas baixas entre os guerrilheiros, a MALAT prontamente o expunha como mentiroso, lançando dúvidas sobre a confiabilidade em suas ações como um todo (SCHLEIFER, 2009). Contudo, há uma incoerência nesse sentido, uma vez que, ao mesmo tempo em que buscava ganhar a confiança da população ao alertá-los a se afastar de zonas de perigo, os bombardeios causavam danos colaterais, provocando baixas em não combatentes. As mensagens de ajuda, algumas vezes geravam raiva, ao invés de gratidão pelo esforço (FRIEDMAN, 2009).

É relevante destacar também a decisão de se utilizar a arma psicológica objetivando causar medo no inimigo sob pena de aniquilação, conforme indicado nas mensagens, por meio de uma supremacia israelense que não se observou na realidade (Fig.13 – anexo A). Isso resulta em mais uma fraqueza na credibilidade da FDI. Dado o contexto histórico já abordado neste trabalho, juntamente com as divergências de ordem cultural e religiosa entre os povos envolvidos, podemos concluir que o princípio da credibilidade, em alguns casos, será dificilmente alcançado plenamente.

A preocupação em iniciar o lançamento de panfletos no dia seguinte a deflagração do conflito, as prontas respostas às ações de guerra de informação do Hezbollah e a adequação das mensagens diante das críticas recebidas, como no ataque em Qana, demonstram a preocupação com os princípios da oportunidade, antecipação e flexibilidade. Esses princípios enfatizam a necessidade de desencadear as ações de forma sincronizada no tempo e no espaço, além da capacidade de adaptação ao ambiente. A escolha de Nasrallah como alvo da campanha, de forma clara, e a manutenção desse enfoque até o fim do conflito atendem,

teoricamente, aos princípios da coerência e do objetivo.

Entretanto, do ponto de vista estratégico, a escolha de objetivos pouco factíveis pode ser igualmente prejudicial. Pahlavi (2007) argumenta que a capacidade dos líderes de selecionar objetivos claros e mobilizar os recursos para alcançá-los foi fortemente questionada. O objetivo virtual de alterar o mapa político do Líbano e erradicar o Hezbollah, algo que não foi alcançado em 18 anos de ocupação, pode ter subestimado a capacidade do Hezbollah e superestimado a própria FDI (PAHLAVI, 2007). Outros princípios como exequibilidade, adequação, progressividade e adequabilidade também estão presentes em alguma medida.

Podemos concluir, em parte, que as operações realizadas pela MALAT apresentaram aderência a princípios muito semelhantes aos observados no Manual de Op Psc do EB.

5.4 A AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISES PÓS-CONFLITO

Conforme observado, a verificação da efetividade das Op Psc, ou seja, o sucesso medido pelo atingimento dos Obj Psc baseados nas mudanças de atitudes e comportamentos do público-alvo, é uma tarefa que apresenta alto grau de incerteza. De acordo com a teoria, a eficácia deve ser medida comparando-se os resultados da campanha com parâmetros previamente identificados a partir de análise do ambiente operacional. Os indicadores de impacto poderiam ser obtidos por meio da observação do público-alvo, entrevistas com prisioneiros de guerra ou pesquisas realizadas junto a segmentos específicos da população. No entanto, as informações disponíveis sugerem uma possível derrota do campo informacional de Israel, já que, aparentemente, não condiz com os eventos observados no conflito, onde o Hezbollah encerrou sua participação com sua estrutura militar seriamente comprometida e maior número de baixas, porém com maior aceitação dentro da sociedade libanesa.

É importante mencionar que o manual teórico não aborda a utilização de tecnologias associadas à internet no processo de avaliação da campanha. No conflito em questão, o monitoramento das plataformas *online* ocorreu de forma contínua tanto por parte da FDI quanto pelo Hezbollah. A importância desse monitoramento pode ser ilustrada pelo caso do *website* mencionado no capítulo quatro, que demandou pronta reação dos *hackers* a serviço

do Hezbollah no esforço em neutralizar seus efeitos (SCHLEIFER, 2009).

Outro ponto que demanda análise acurada são os procedimentos a serem cumpridos quando do encerramento da campanha militar. Como mencionado anteriormente, a FDI falhou ao não possuir o amadurecimento necessário para alcançar a devida importância na dimensão informacional, o que facilitou a reivindicação de vitória por parte do Hezbollah. Essa falta de coordenação mais uma vez vai contra o preconizado na teoria quanto a necessidade de atuação permanente na dimensão informacional.

Desse modo, mediante o confronto entre a teoria baseada no Manual de Operações psicológicas do EB *versus* a realidade da Segunda Guerra do Líbano, podemos constatar múltiplos aspectos de congruência, dentre eles: a intenção de utilização das Op Psc objetivando alterações comportamentais favoráveis às operações militares, buscando reduzir o número de baixas; a tentativa de sensibilizar o público-alvo por meio de suas necessidades mais urgentes; a centralização da condução e planejamento das Op Psc; o emprego massivo de propaganda e contrapropaganda; as ferramentas técnicas utilizadas na produção das mensagens; os critérios para escolha do público-alvo; e a observância dos princípios de oportunidade, antecipação, centralização, flexibilidade, coerência e objetivo.

Entretanto, também foram identificados pontos não aderentes a teoria. Destacamos a coordenação das ações de informação com as ações em combate; a necessidade de prezar pela credibilidade das mensagens de forma consistente com a realidade no terreno; a necessidade de adaptar-se e utilizar novas ferramentas de comunicação em massa como internet e mensagens de voz; e por fim, a importância da exploração da dimensão informacional após o término do conflito.

Dessa forma, finalizamos a comparação efetuada no intuito de obtermos respostas ao problema proposto neste trabalho. No próximo capítulo, serão apresentadas conclusões, futuras linhas de pesquisa e potenciais implicações dos conhecimentos adquiridos neste trabalho para a Marinha do Brasil.

6 CONCLUSÃO

Neste trabalho, realizamos uma análise das Op Psc ocorridas na Segunda Guerra do Líbano em 2006, entre Israel e o grupo xiita Hezbollah, sob a perspectiva dos preceitos teóricos utilizados pelas Forças Armadas brasileiras, com ênfase no Manual de Operações Psicológicas do EB.

Para alcançar esse propósito, realizamos uma pesquisa que buscou compreender o arcabouço teórico relacionado às Op Psc. Exploramos a definição teórica das Op Psc, seus objetivos e sua contribuição para as operações militares. Abordamos as características inerentes à atuação na dimensão informacional, as ferramentas necessárias para elaboração da propaganda e contrapropaganda, bem como os requisitos e princípios que devem ser seguidos para que essas operações sejam bem-sucedidas. Além disso, destacamos o contexto histórico, evidenciando a influência dessas operações em conflitos passados, e analisamos os eventuais impactos trazidos pela influência da comunicação em massa e pela utilização de ferramentas contemporâneas, como a internet.

No terceiro capítulo, aprofundamos nossa análise no conflito em questão, com foco na compreensão dos fatores que ainda alimentam as animosidades entre israelenses e árabes na região, especialmente em relação ao grupo Hezbollah. Exploramos as relações intrínsecas entre o surgimento desse grupo e a ocupação israelense no Líbano, bem como as razões que norteiam sua existência e explicam a agressividade de suas ações. Ressaltamos que esse conflito não levou a um resultado decisivo, apesar da destruição significativa de parte da estrutura do Hezbollah e do elevado número de baixas. Observamos que Israel também sofreu relevante prejuízo, sobretudo na dimensão informacional.

No capítulo quatro, aprofundamos nosso estudo nas mensagens utilizadas pela MALAT, o órgão responsável pela propaganda israelense. Analisamos a abordagem adotada, destacando a ridicularização do líder inimigo Nasrallah como um dos principais elementos utilizados provocar divisões dentro da população libaneses e obter apoio israelense naquela comunidade. Discorremos sobre os eventuais efeitos trazidos por essa estratégia, onde vimos indícios de que possa ter sido eficaz ao provocar a cisão entre as comunidades xiitas e as demais que coabitam o Líbano. Entretanto, o apoio não foi conquistado como esperado, possivelmente devido à falta de coerência entre as mensagens transmitidas e a realidade

vivida, considerando incidentes como o ocorrido em Qana, que resultou na morte de civis. Restou evidente a dificuldade em se manter a credibilidade da propaganda em um contexto onde diferenças culturais são muito presentes, apesar dos esforços para angariar o apoio da população por meio de mensagens de alerta em áreas de risco. No mesmo capítulo, exploramos como as novas ferramentas como tecnologias de mensagem de voz, SMS e telefone foram incorporadas às Op Psc, além de destacarmos a relevância da utilização da internet nesse cenário. Por fim, identificamos a falha da FDI em promover a continuidade de uma narrativa pró-israelense após o conflito, o que fortaleceu o discurso do Hezbollah ao reivindicarem a vitória.

Finalmente, no capítulo cinco, realizamos a análise comparativa entre os aspectos teóricos e o que foi observado no conflito. Neste capítulo, buscamos enfim responder ao questionamento central da pesquisa: “Existe aderência entre as Operações Psicológicas empregadas pelas forças israelenses e a doutrina preconizada nos Manuais doutrinários utilizados pelas Forças Armadas brasileiras?” O estudo constatou uma significativa aderência em diversos aspectos, como as definições conceituais de Op Psc e seus objetivos, a caracterização do público-alvo, a forma de atuação por meio de um órgão central diretamente ligado ao alto nível de planejamento, e o método de elaboração da propaganda, com ressalvas as diferenças observadas quanto aos aspectos éticos.

Verificamos também que inúmeros princípios preconizados pela norma brasileira são também seguidos pelos israelenses, tais como a unidade de comando, oportunidade, flexibilidade, antecipação e outros. Todavia, destacamos os efeitos negativos da não observância do princípio da credibilidade e da incapacidade de se manter o controle da narrativa na dimensão informacional após o conflito.

Como sugestão para futuras linhas de pesquisa, recomendo o estudo da propaganda quando utilizada por parte de forças não estatais, como o Hezbollah. No conflito aqui analisado, poder-se-ia realizar um estudo de caso comparativo entre as técnicas empregas por ambos atores envolvidos, ou ainda uma análise sobre os efeitos observados nos conflitos subsequentes, haja vista que confrontos em menor escala continuam ocorrendo entre eles.

Ao chegarmos ao final deste trabalho, concluímos que a Segunda Guerra do Líbano evidenciou, uma vez mais, a importância do emprego das Op Psc e a necessidade de considerar seus aspectos nos mais altos escalões de planejamento militar. Em face da rápida

evolução na forma de disseminação da comunicação em massa, estudada ao longo da pesquisa, faz-se necessário buscar continuamente o conhecimento nesta área específica, devido à comprovada capacidade de influenciar comportamentos que as Op Psc podem promover no público-alvo durante um conflito.

Destaco a importância de se envidar esforços no intuito de se buscar o desenvolvimento de uma doutrina no âmbito da Marinha do Brasil ou unificada sob a estrutura do Ministério da Defesa, que abranja as nuances atualizadas nos aspectos da dimensão informacional e, se possível, abarque observações e lições derivadas de seu emprego em conflitos reais, como demonstrado ao longo deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ARAB CENTER. *In memoriam - professor Augustos Richard Norton*, 2023. Disponível em: <https://arabcenterdc.org/resource/in-memori-am-professor-augustus-richard-norton-1946-2019/>. Acesso em: 17 de junho de 2023.
- ARIEL UNIVERSITY. *Ron Schleifer*, 2023. Disponível em: <https://www.ariel.ac.il/wp/rsg/ron-schleifer/>. Acesso em: 17 de junho de 2023.
- ASSOCIATION OF THE UNITED STATES ARMY. *David Johnson*, 2023. Disponível em: <https://www.ausa.org/people/david-e-johnson>. Acesso em: 17 de junho de 2023.
- BAR, Shmuel. Detering Nonstate Terrorist Groups: The Case of Hizballah. *Comparative Strategy*. Herzliya, Israel, v. 26, n.5, p. 469-493, 01 de outubro de 2007.
- BRASIL. Exército Brasileiro, Comando de Operações Terrestres. *Manual de Campanha – Operações Psicológicas*. 4ª. ed. Brasília, DF, 2018a.
- _____. Marinha do Brasil, Estado-Maior da Armada. *Doutrina de Operações de Informação (EMA-335)*. 1ª. ed. Brasília, DF, 2018b.
- _____. Ministério da Defesa. *Glossário das Forças Armadas (MD 35-G-01)*. 5ª. ed. Brasília, DF, 2015.
- BRENNEM, Lisa. *Hezbollah: Psychological Warfare Against Israel*, 2009. Thesis – Naval Postgraduate School, Monterey, California, EUA, 2009. Disponível em: <https://calhoun.nps.edu/handle/10945/4839>. Acesso em 05 de maio de 2023.
- BRITANNICA. *Abraham H. Maslow*, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Abraham-H-Maslow>. Acesso em 18 de junho de 2023.
- _____. *Diaspora*, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/diaspora-social-science>. Acesso em 17 de junho de 2023.
- _____. *Druze*, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Druze>. Acesso em 18 de junho de 2023.
- _____. *Hamas*, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Hamas>. Acesso em: 10 de maio de 2023.
- _____. *Hezbollah*, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Hezbollah>. Acesso em 26 de junho de 2023.
- _____. *Intifada – Palestinian-Israeli history*, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/intifada>. Acesso em 06 de maio de 2023.

_____. *Midianites*, 2017. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Midianites>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

_____. *Palestine Liberation Organization*, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Palestine-Liberation-Organization>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

_____. *Theodore Herzl*, 2023. Disponível em: <http://www.britannica.com/biography/Theodor-Herzl>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

BRUN, Itai. *The Second Lebanon War*, 2006. Em: OLSEN, John Andreas. *A History of Air Warfare*. Washington DC, EUA: Potomac Books, 2010.

BYMAN, Daniel; SIMON, Steven. *The No Win Zone: An After Action Report from Lebanon*. *The National Interest*. Washington DC, EUA, dezembro de 2005.

CANADIAN FORCES COLLEGE. *Dr. Pierre C. Pahlavi*, 2022. Disponível em: <https://www.cfc.forces.gc.ca/136/296-eng.htm>. Acesso em 17 de junho de 2023.

ENCYCLOPEDIA. *Nasrallah, Hassan*, 2023. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/reference/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/nasrallah-hassan>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

_____. *Lorde Carnes*, 2023. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/arts/educational-magazines/lord-carnes>. Acesso em 17 de junho de 2023.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Department of Defense. *Psychological Operations - Joint Publication 3-13.2 (JP-3-13.2)*. Washington DC, EUA, 2010.

FRASER, T.G. *THE ARAB-ISRAELI CONFLICT*. 2^a. ed. Nova Iorque, EUA: Palgrave Macmillan, 2004.

FRIEDMAN, Hebert A. *Psychological Operations during the Israel-Lebanon War 2006*. PSY WAR, 14 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.psywar.org/israellebanon.php>. Acesso em: 27 de maio 2023.

GORAYEB, Amal Saad. *“Lebanon: The Paradox of Hezbollah’s Arms”*. *Carnegie Endowment for International Peace*, Washington, DC, 2008. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/sada/21139>, acesso em 20 de maio de 2023.

HAREL, Amos; ISSACHAROFF, Avi. *34 Days: Israel, Hezbollah, and the War in Lebanon*. Nova Iorque, EUA: Palgrave Macmillan, 2008.

JOHNSON, David E. *Hard Fighting*. California: Rand Corporation, 2011.

LABCOM. *Joaquim Paulo Serra*, 2023. Disponível em: <https://labcomca.ubi.pt/joaquim-paulo-serra/>. Acesso em: 17 de junho de 2023.

LAFFIN, John. *The War of Desperation: Lebanon 1982-85*. Londres, Inglaterra: British Library, 1985.

LAQUEUR, Walter. *A History of Zionism: From the French Revolution to the Establishment of the State of Israel*. Nova Iorque, EUA: Schocken Books, 2003.

LINEBARGER, Paul M. A. *Guerra Psicológica*. Tradução: Major Otávio Alves Velho. Brasil: Biblioteca do Exército, 1962.

LORD, Carnes; BARNETT, Frank R. *Political Warfare das Psychological Operations: Rethink the US Approach*. 1^a. ed. Nova Iorque, EUA: National Defense University Press, 1989.

LUHMANN, Niklas. *The Reality of the Mass Media*. California, EUA: Stanford University Press, 2000.

MICHAELIS. *Estratagema*, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=estratagema>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

NORTON, Augustus Richard. *Hezbollah: A Short History*. Nova Jersey, EUA: Princeton University Press, 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *United Nations Interim Force in Lebanon - Peacekeeping, 2023*. Disponível em: <https://unifil.unmissions.org>. Acesso em 21 de maio de 2023.

PAHLAVI, Pierre Cyril. The 33-Day War: An Example of Psychological Warfare in the Information Age. *The Canadian Army Journal*, Ontario, Canadá, p. 12-24, 2007.

QASSEM, Naim. *HIZBULLAH: The Story from Within*. Londres, Inglaterra: Saqi Books, 2005.

SCHLEIFER, Ron. Psyoping Hezbollah: The Israeli Psychological Warfare Campaign During the 2006 Lebanon War. *Terrorism and Political Violence*, Londres, Inglaterra, 1 de abril de 2009.

SERRA, Joaquim Paulo. *Manual de Teoria da Comunicação*. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, 2007.

TZU, SUN. *A Arte da Guerra*. Tradução: Elvira Vigna. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

THE GUARDIAN. *Walter Laqueur Obituary*, 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2018/oct/08/walter-laqueur-obituary>. Acesso em 26 de junho de 2023.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS. *T.G. Fraser*, 2023. Disponível em: <https://press.uchicago.edu/ucp/books/author/F/T/au20312660.html>. Acesso em: 17 de junho de 2023.

THOMAS, Timothy L. "Hezbollah, Israel, and Cyber PSYOP." *Foreign Military Studies, IO Sphere*, Fort Leavenworth, 2007.

ANEXO A - FIGURAS

Figura 1 – Pirâmide da Hierarquia de Necessidade de Maslow



Fonte: BRASIL (2018, p.29).

Figura 2- Folheto lançado pelos alemães sobre a FEB durante a 2ª GM.



Fonte: BRASIL (2018, p.16).

Figura 3 - Folheto lançado pela FDI durante a 2ª Guerra do Líbano.



“Cuidado!! Ele aparenta ser um irmão, mas ele é uma cobra”³¹.
 Fonte: FRIEDMAN (2009, p.10), tradução nossa.

Figura 4 – Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano.



“Precisa de favores?”³²
 Fonte: FRIEDMAN, 2009, p.12, tradução nossa.

³¹ Do original: “Beware !!! He appears to be a brother, but he is a snake.”

³² Do original: “Need favors?”.

Figura 5 - Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano.



“Seus defensores são seus destruidores”³³.
 Fonte: FRIEDMAN, 2009, p.13, tradução nossa.

Figura 6– Folheto lançado pela FDI na 2 Guerra do Líbano.



“Nós estamos à beira do abismo – e nós estamos determinados a marchar em frente”³⁴.
 Fonte: FRIEDMAN, 2009, p.22, tradução nossa.

³³ Do original: “You defenders are your destroyers”.

³⁴ Do original: “We are standing on the edge of the abyss – and we are determined to march forward”.

Figura 7 – Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano.



“A todos os cidadãos ao sul do rio Litani. Devido às atividades terroristas realizadas contra o Estado de Israel, dentro de suas aldeias e lares, a FDI é forçada a responder imediatamente. Para sua segurança, pedimos que evacuem suas aldeias e movam para o norte do rio Litani.”³⁵

Fonte: FRIEDMAN, 2009, p.37, tradução nossa.

Figura 8 – Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano.



“Por que você está me picando? Hassan responde: Picar é minha natureza”³⁶.
Fonte: FRIEDMAN, 2009, p.36, tradução nossa.

³⁵ Do original: “To all citizens South of Latani River: Due to the terror activities being carried out against the State of Israel from within your villages and homes, the IDF is forced to respond immediately against these activities, even within your villages. For your safety! We call upon you to evacuate your villages and move north of the Latani River”.

³⁶ Do original: “Why are you stinging me? Hassan answers: To sting is my nature.”

Figura 9 – Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano.

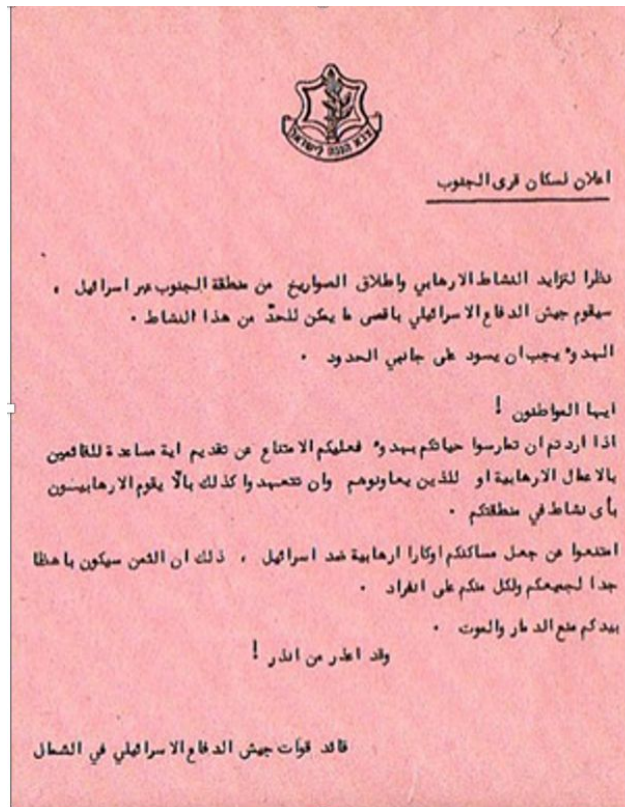


“Você pode retornar o aroma do cedro ao Líbano se você quiser”³⁷.

Fonte: FRIEDMAN, 2009, p.63, tradução nossa.

³⁷ Do original: “You can return the cedar odor to Lebanon if you want to!”

Figura 10 – Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano.



“Comunicado aos habitantes das aldeias do Sul – Devido ao aumento da atividade terrorista e ao lançamento de mísseis do Sul em Israel, as Forças de Defesa de Israel agirão para reduzir essas atividades. A calma deve prevalecer em ambos os lados da fronteira. Pessoas! Se você deseja seguir seu dia-a-dia em paz, deve parar de fornecer assistência àqueles envolvidos em atos terroristas ou aqueles que os ajudam, e deve assumir a responsabilidade de garantir que nenhuma atividade terrorista ocorra em sua área. Não permita que suas casas se tornem antros de terroristas contra Israel ou o preço será caro para todos vocês, coletiva e individualmente. Está em suas mãos impedir a destruição e a morte. Não haverá desculpa para aqueles que foram avisados.”³⁸

Fonte: FRIEDMAN, 2009, p.7, tradução nossa.

³⁸ Do original: “Announcement to the inhabitants of the southern villages. Due to the increase in terrorist activity and the launching of missiles from the south into Israel, the Israeli Defense Forces will act to curtail these activities. Calm must prevail on both sides of the border. People! If you want to pursue your day to day life in peace you must cease providing assistance to those engaging in terrorist acts or those helping them, and you should take it upon yourself to insure that no terrorist activity takes place in your area. Don't allow your homes to become terrorist dens against Israel or the price will be very costly for all of you both collectively and individually. It is in your hands to stop the destruction and death. There will be no excuse for those who have been forewarned.”

Figura 11 – Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano.

حسن ممن أنت خائف؟

أنت تخاف من الظهور علناً وترسل كلمتك مسجلة.

فررت لمغارتك وأبقيت عناصرك خائفين ومكشوفين أمام قوة
إسرائيل الراجحة.

أنت تنفذ توجيهات أسيادك فقط وتخرق وعودك مع الشعب اللبناني
وهكذا تسببت لهم استفاقة مؤلمة.

إلى متى سيدفع الشعب اللبناني ثمن جُبْنِكَ وعَجْهِيتِكَ؟

“Hassan, do que você está com medo? Você está com medo de aparecer em público e reproduzir discursos gravados. Você fugiu para o abrigo e deixou seus homens assustados expostos ao poder de Israel. Você cumpre ordens dos seus mestres e quebra suas promessas ao povo do Líbano, causando-lhe perdas dolorosas. Até quando o povo do Líbano pagará pela sua covardia e arrogância?”³⁹

Fonte: FRIEDMAN, 2009, p.19, tradução nossa.

Figura 12 – Página na internet elaborada pela FDI para coletar apoio a causa israelense na 2ª Guerra do Líbano.



Fonte: FRIEDMAN, 2009, p.25.

³⁹ Do original: “Hassan what are you afraid of? You are afraid of appearing in public and you broadcast recorded speech. You fled to your shelter and you left your men frightened and exposed in the face of Israel’s power. You carry out the orders of your masters and you break your promises to the people of Lebanon causing the painful losses. How long must the people of Lebanon pay for your cowardice and arrogance?”

FIGURA 13 – Folheto lançado pela FDI na 2ª Guerra do Líbano.

إلى السكان اللبنانيين

حزب الله أعلن الحرب على دولة إسرائيل!

كلنا نعرف من تجربة الأيام الأخيرة قوة دولة إسرائيل الهائلة واستعدادها لاستخدام هذه القوة ضد العناصر الارهابية متى شاءت.

أيها المواطن اللبناني:

يقول المثل: "اللي بينام بين القبور بيشوف منامات وحشة".

دولة إسرائيل قوية وعازمة على تنفيذ كل ما يلزم من اجل سلامة مواطنيها!!!

دولة إسرائيل

“Para as pessoas do Líbano: Hezbollah declarou guerra a Israel. Nós sabemos do enorme poder e capacidade de mobilização de forças contra o terrorismo de Israel, quando necessário. Se você dorme em um cemitério, você terá pesadelos. Israel é uma nação poderosa determinada a fazer o que for necessário para garantir a segurança dos seus cidadãos”⁴⁰.

Fonte: FRIEDMAN, 2009, p.16, tradução nossa.

⁴⁰ Do original: “To the people of Lebanon: Hezbollah declared war on Israel. We all know Israel’s enormous power and ability to mobilize her forces against terrorist organizations whenever necessary. If you sleep in a cemetery, you are bond to have nightmares. Israel is a powerful nation and determined to do whatever necessary to ensure the safety of her citizens.”